



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DO LUTO À LUTA:
OS IMPACTOS DAS DENÚNCIAS DO *BLACK TWITTER* NA
IMPRENSA BRASILEIRA**

LARISSA RIOS DA SILVA

Rio de Janeiro
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DO LUTO À LUTA:
OS IMPACTOS DAS DENÚNCIAS DO *BLACK TWITTER* NA
IMPRENSA BRASILEIRA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

LARISSA RIOS DA SILVA

Orientador(a): Profa. Dra. Chalini Torquato Gonçalves de Barros

Rio de Janeiro

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

SILVA, Larissa Rios da
SS5861 Do luto à luta: os impactos das denúncias doBlack
Twitter na imprensa brasileira / LarissaRios da
Silva. -- Rio de Janeiro, 2021.
69 f.

Orientador: Chalini Torquato .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2021.

1. Jornalismo. 2. Racismo . 3. Black Twitter. 4.
Redes sociais. I. Torquato , Chalini , orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Do luto à luta: os impactos das denúncias do *Black Twitter* na imprensa brasileira**, elaborada por Larissa Rios da Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Chalini Torquato Gonçalves de Barros
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA
Departamento de Comunicação – UFRJ

Fernanda Ariane Silva Carrera
Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF)
Departamento de Comunicação – UFRJ

Tarcízio Roberto da Silva
Doutor em Ciências Humanas e Sociais no PCHS-UFABC
Mozilla Foundation

Rio de Janeiro
2021

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não existiria se não fosse a minha mãe, Viviane, a pessoa mais forte que eu conheço. Ela precisou abdicar de muitos sonhos para que eu pudesse viver o meu. Hoje, tudo que eu faço é para ela. Viviane, eu sei que você vai ler isso, saiba que esse trabalho é para você! Obrigada por acreditar em mim e me incentivar todos os dias. Você me inspira não só como mãe, mas como a minha referência de mulher preta.

Agradeço também a minha avó Maria de Lourdes, por todo apoio, por aceitar ser fonte em tantos trabalhos, por se orgulhar tanto de mim e por me alegrar nos momentos que mais precisei.

Não posso deixar de falar do meu pai, Eduardo; minha madrasta, Érica; meus tios, Fábio e Verônica; minhas avó Cláudia; meus irmãos, Cadu e Cauã; minha madrinha, Fátima; minha tia, Fernanda; meu primo, Juan; e a toda minha família (me desculpem se tiver citado seu nome, a essa altura do texto já fui tomada pela emoção). Vocês são a minha base, minha fortaleza, o motivo pelo qual eu batalho pelos meus sonhos.

Se eu enfrentei os quatro anos e meio da Escola de Comunicação, também devo isso aos meus melhores amigos: Beatriz Almeida, Gabriel Freitas e Roberta Oliveira. Vocês são as pessoas que eu quero ter perto pelo resto da vida. Foi com vocês ao meu lado que enfrentei minhas o transporte público carioca, minhas inseguranças acadêmicas e o pior momento da minha vida. Amo vocês!

Preciso também mencionar outros amigos que foram importantes ao longo da minha jornada: Antonio Matias, Pedro Santos, Horácio Paiva, Marcos Losso, Gustavo Souza, Guilherme Lourenço, Julia Coelho, Antonio Vitor, Eduarda Azevedo, Marina Reginato, Ana Carolina Medeiros, Danielle Motta, Matheus Venâncio, Juliana da Hora, João Marcelo Costa e Daynara Mateus.

Por fim, mas não menos importante, preciso agradecer a minha orientadora, Chalini Torquato, não só por me aceitar me orientar nesse trabalho, acalmar os meus surtos e me guiar pelo caminho certo, mas também por ser uma referência bissexual dentro da academia. A sua presença me inspira!

*Se posso colocar-me de pé é porque minhas
costas estão apoiadas em minhas ancestrais.*

Provérbio Yoruba

SILVA, Larissa Rios da. **Do luto à luta: os impactos das denúncias do *Black Twitter* na imprensa brasileira**. Orientadora: Chalini Torquato Gonçalves de Barros. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021.

RESUMO

O presente trabalho propõe investigar os impactos das denúncias do *Black Twitter* na cobertura midiática dos casos João Pedro e George Floyd. Para isso, a pesquisa contextualiza teoricamente o que é o *Black Twitter*; apresenta o histórico sociocultural estadunidense e brasileiro sobre corpos negros; e traça uma breve reflexão sobre como se configura o tema dentro da imprensa brasileira. A metodologia utilizada neste trabalho configura-se como uma pesquisa ex-post-facto, que se dividiu em levantamento bibliográfico de 15 publicações da *Folha de S. Paulo* e do *O Globo* para analisar de maneira quantitativa e qualitativa os conteúdos dos periódicos.

Palavras-chave: *Black Twitter*; racismo; jornalismo; George Floyd; João Pedro Mattos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Captura de tela do <i>tweet</i> feito pelo usuário @bascule	22
Figura 2 – Colagem usada no <i>tweet</i> , com as fotos de Barack Obama e Mitch McConnell ...	22
Figura 3 – Pronunciamento oficial do Twitter sobre mudanças na plataforma	23
Figura 4 — Gráfico da relação de assassinatos policiais por raça versus proporção da população dividida por raça	27
Figura 5 — João Pedro Mattos Pinto	36
Figura 6 — Captura de tela de <i>tweet</i> feito por @_danblaz, primo de João Pedro	37
Figura 7 — Captura de tela de <i>tweet</i> de @taisdeverdade em homenagem a João Pedro	38
Figura 8 — Captura de tela de <i>tweet</i> convidando pessoas a participarem do ato #VidasNegrasImportam	39
Figura 9 — <i>Frame</i> do vídeo em que George Floyd é asfixiado pela polícia	40
Figura 10 — Pessoas mais comentadas em 2020	41
Figura 11 — Capa do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> em 20/05/2020 (edição 33.311)	47
Figura 12 — Capa do jornal <i>O Globo</i> no dia 29/05/2020 (edição 31.707)	49
Figura 13 — Página 19 do jornal <i>O Globo</i> em 29/05/2020 (edição 31.707) , com a matéria sobre George Floyd	50
Figura 14 — Captura de tela de um <i>tweet</i> feito pelo usuário @pgmiranda sobre o <i>Black Twitter</i>	52
Figura 15 — Matéria veiculada no 2º caderno do <i>O Globo</i> no dia 31/05/2020 (edição 31.709)	52
Figura 16 — Captura de tela de <i>tweet</i> do usuário @raull santiago sobre o tiroteio	53
Figura 17 — Reportagem da <i>Folha de S. Paulo</i> em 24/05/2020 (edição 33.315), que menciona o tiroteio durante a ação social	54
Figura 18 — Captura de tela de <i>tweet</i> da usuária @iknowyouastar, colega de classe de Fatou	55
Figura 19 — Coluna do Ancelmo Gois no jornal <i>O Globo</i> em 20/05/2021 (edição 31.698)..	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. O <i>BLACK TWITTER</i> COMO RESPOSTA AO RACISMO ALGORÍTMICO PRESENTE NO CIBERESPAÇO	14
2.1 O surgimento do ciberespaço e as mudanças nas formas de comunicação	14
2.2 “A terra dos <i>likes</i> ”: a nova configuração do ciberespaço	16
2.3 Os filtro-bolhas algorítmicos e a formação das comunidades digitais	17
2.4 O racismo estrutural e o racismo algorítmico no Twitter	19
2.5 O <i>Black Twitter</i>	23
3. O SURGIMENTO DO <i>BLACK TWITTER</i> E O MOVIMENTO #<i>BLACKLIVESMATTER</i>	26
3.1 O surgimento do <i>Black Twitter</i> nos Estados Unidos	26
3.2 “Já que é pra tombar, tombei”: a Geração Tombamento e o <i>Black Twitter</i> no Brasil	30
3.3 O racismo estrutural presente na imprensa brasileira	33
4. OS IMPACTOS DAS DENÚNCIAS DO <i>BLACK TWITTER</i> NA IMPRENSA BRASILEIRA	35
4.1 Os casos João Pedro e George Floyd	35
4.1.1 Caso João Pedro	35
4.1.2 Caso João Floyd	40
4.2 Metodologia da Pesquisa	42
4.3 Resultados	42
4.3.1 <i>Folha de S. Paulo</i> - 20/05/2020	46
4.3.2 <i>O Globo</i> - 29/05/2020	48
4.3.3 Pautas levantadas pelo <i>Black Twitter</i>	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso é o fruto da indignação de uma mulher negra, LGBTQIAP+ e cria da Baixada Fluminense, que não suporta mais ver os seus semelhantes sendo resumidos a estatísticas, sem que suas histórias sejam contadas. Em sua passagem pelo Brasil, a autora norte-americana Angela Davis disse: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, e é sob a perspectiva levantada por Davis que esse trabalho é construído.

O jornalismo falha todos os dias quando não dimensiona devidamente para a sociedade que a cada 23 minutos uma família chora a partida de um jovem negro, quando não ouve uma pluralidade de fontes, quando não dá voz a histórias que precisam ser contadas. Mas por acreditar em uma comunicação antirracista e humanitária, esse trabalho se propõe a analisar criticamente a maneira que produzimos informação, a fim de criar um legado para os futuros comunicadores desse país.

No dia 18 de maio de 2020, João Pedro Mattos Pinto, de apenas 14 anos, foi assassinado durante uma operação da Polícia Federal com o apoio da Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE), no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio. O corpo do adolescente só foi encontrado pela família, sem vida, 17 horas após ter sido baleado. Graças ao *tweet* de um familiar denunciando o sumiço do corpo de João Pedro, o assunto passa a integrar a agenda pública do ciberespaço e inicia-se a midiatização em cima da busca por informações sobre a vida do jovem. Ao noticiarem sua morte, outros usuários se organizaram dentro e fora das redes, com críticas a violência policial e o genocídio da população negra, além de pressionarem o sistema por justiça.

Na mesma semana, no dia 25 de maio de 2020, a cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos, ganhou holofotes sobre a história de George Floyd, de 46 anos, que morreu após ser asfixiado durante 8 minutos e 46 segundos por policiais que atendiam uma denúncia de que o ex-segurança teria tentado pagar a conta em uma mercearia com uma nota falsa de US\$ 20. Toda ação foi filmada por pessoas que estavam no local, e rapidamente o assassinato de George Floyd gerou revolta social e uma onda de protestos antirracistas e contra a violência policial, primeiro em Minneapolis, depois por diversos outros estados e cidades do país, e pelo mundo. Foram dias incessantes do maior protesto já visto desde a Marcha pelos Direitos Civis, em Washington.

Mas o que diferencia João Pedro e George dos milhares de outros casos que não são noticiados pela imprensa? Esse foi o questionamento que deu início a essa pesquisa. A partir

disso, a resposta inicial foi que ambos tiveram grande repercussão nas redes sociais, sobretudo no Twitter. Pensando nisso, o presente trabalho propôs investigar os impactos das denúncias do *Black Twitter* na cobertura midiática dos casos João Pedro e George Floyd, a fim de entender a visibilidade que a imprensa deu para os casos e a forma que o jornalismo vem atuando para notificação sobre corpos negros.

O primeiro passo dessa pesquisa foi contextualizar o real sentido da expressão *Black Twitter*. Um dos apontamentos mais comuns é a conceituação a partir da tradução literal da palavra, ou seja, um “Twitter negro”, mais especificamente, uma comunidade formada por pessoas negras dentro do Twitter. A comunidade entrou em evidência por engajar, de forma organizada, questões sobre o racismo presente na sociedade estadunidense — e a brasileira — sob a perspectiva de pessoas negras. No entanto, o *Black Twitter* como fenômeno ainda tem dificuldades de ser contextualizado teoricamente e fundamentado em pesquisas empíricas. Sob essa perspectiva, neste trabalho será apresentado o conceito de *Black Twitter* a partir das mudanças que ocorreram no ciberespaço em decorrência do advento das mídias sociais no começo do século XXI.

Com os avanços das tecnologias de informação e comunicação que ocorreram na última década, as mídias sociais se tornaram o novo epicentro do ciberespaço. Nelas, a comunicação, interação, sociabilidade, organização e a circulação de informação — e desinformação — se tornam ainda mais presentes. Elas funcionam como um espaço de cocriação e participação ativa dos usuários, fomentando a chamada “cultura do compartilhamento”, em que os processos comunicacionais espontâneos e não organizados que surgem na rede foram apropriados. Os indivíduos deixam de ser meros consumidores e passam a atuar como produtores de conteúdo, tendo agora uma ferramenta para expressão e um meio de organização e, até mesmo, de transformação, especialmente no contexto de identidades racializadas e propostas antirracistas.

Na atual configuração das mídias sociais, existem algoritmos que realizam a mediação dos conteúdos que chegam ao usuário. Os critérios são decididos a partir da filtragem social, onde a própria rede dá visibilidade àquilo que considera importante, enquanto despreza aquilo que não o é. A priori, a realização dessa pesquisa considera apenas de que forma esses algoritmos aceleram o processo de filtragem natural do nosso subconsciente, que nos ajuda a lidar com o excesso de informação, formando uma “inteligência coletiva”, que evolui para o que conhecemos como “comunidades virtuais”, grupos que apresentam novas sociabilidades decorrentes da interação mediada por algoritmos, com características comunitárias que podem reproduzir e ampliar as relações. Além disso, também seria estudada a particularidade das comunidades digitais no Twitter, uma vez que, diferente de outras redes sociais, como

Facebook, em que existem grupos e fóruns fechados para membros que compartilham um interesse, nessa rede social as comunidades interagem por meio de *hashtags* e tópicos em comum.

Entretanto, com o avanço da pesquisa bibliográfica, tornou-se primordial abordar neste trabalho a pesquisa sobre a neutralidade das redes sociais, analisando o racismo estrutural, reflexo da sociedade, e o racismo algorítmico, específico do ciberespaço. As plataformas refletem a sociedade, que é racista, machista e oligárquica. Dessa forma, se faz necessário olhar para as plataformas digitais sobre o olhar racializado. O racismo algorítmico pode, de fato, não ser intencional, mas esse fato não isola a responsabilidade dos desenvolvedores e cientistas de dados sobre a manutenção da estrutura racista de poder não só no Brasil, mas no mundo.

O segundo capítulo deste trabalho é dedicado a apresentar o contexto histórico da sociedade estadunidense e da brasileira. Por muito tempo, o racismo foi institucionalizado nos Estados Unidos por leis segregacionistas, tendo como argumento o darwinismo social, afirmando que a segregação era, de alguma forma, condizente com as leis da natureza. Após muita luta do Movimento Negro, os Estados Unidos foram forçados a debater sobre o racismo e levar o debate para esfera política. Em 1964, foram instituídas as leis dos Direitos Civis, e finalmente, em 1967, as pessoas negras garantiram seu direito ao voto, além de direitos iguais sem discriminação baseada em raça.

Apesar do fim da segregação institucionalizada, a marginalização das pessoas negras se mostra cotidianamente longe de acabar. Nesse sentido, a organização dentro do ciberespaço foi essencial para o combate ao racismo estrutural enraizado e propiciar um levante social e político que conhecemos hoje como *Black Twitter*. A partir de 2010, os Estados Unidos viveram uma crescente de pessoas negras que, independentemente de localização geográfica, começaram a seguir umas às outras, interagirem entre si e compartilharem suas experiências enquanto pessoas negras. Com isso, o debate sobre o antirracismo cresceu nas mídias sociais, foi nessa época, mais precisamente em 2013, que nasceu o *#BlackLivesMatter*, que podemos considerar como o maior ato do movimento negro americano, desde a Marcha sobre Washington por direitos civis.

A *#BlackLivesMatter* foi criada pela advogada, artista e escritora Patrisse Cullors; a ativista e escritora Alicia Garza; e pela ativista, escritora e ex-diretora da *Black Alliance for Just Immigration*, Opal Tometi, após a absolvição de George Zimmerman pelo assassinato de um jovem negro de 17 anos. Rapidamente, a *hashtag* evoluiu e se tornou uma resposta contra a paralisia política diante genocídio da juventude negra, um catalisador de diversos descontentamentos diversos, principalmente no que diz respeito a violência policial.

No Brasil, assim como nos Estados Unidos, as consequências da escravidão ainda são vistas na sociedade, com a diferença de que em nosso país existiu um enorme esforço em promover o mito da democracia racial, criado por Gilberto Freyre. Apesar de não ter havido nenhuma ação de reparação ou integração de pessoas negras na sociedade brasileira, foi criado no imaginário coletivo a ideia de que o racismo teria acabado junto com a escravidão e que o Brasil seria formado pela “mistura de raças”.

Felizmente, nos últimos anos, com o aumento do debate das pautas identitárias, sobretudo a racial, as críticas a esse conceito superaram as barreiras da Academia e chegaram à sociedade. Paralelamente a isso, no ciberespaço, a presença de pessoas negras com mais acesso à informação permitiu a democratização do debate racial e criação de novas formas de interação, assim como foi nos Estados Unidos.

Nesse contexto, em 2014, surge a Geração Tombamento, um movimento que colocou em pauta a necessidade de repensar formas de interpretação da negritude no Brasil. O movimento se auto-organiza e reivindica uma maior valorização e respeito às estéticas negras em diferentes estados do país. O objetivo era o chamado e popularizado “empoderamento”, o fortalecimento e o reconhecimento de indivíduos negros brasileiros, como uma forma de desconstruir preconceitos e enfrentar o racismo ao promover o reconhecimento da negritude, que por tanto tempo foi suprimida, desvalorizada e silenciada.

A Geração Tombamento se articulou com o propósito de empoderar a juventude negra, eliminar os estigmas racistas sobre a cultura negra, possibilitando a autonomia de expressão estética e o fortalecimento da autoestima de jovens negros. Algumas pautas dessa geração são: a transição capilar, a valorização do cabelo crespo e outros traços físicos negroides e a defasagem das marcas na criação de propagandas e produtos para esse tipo de cabelo; a baixa representatividade nos espaços de poder e a padronização das estéticas corporais. Ao relacionar o *Black Twitter* com a Geração Tombamento, portanto, entende-se aqui que o próprio *Black Twitter* no Brasil emergiu também como um desdobramento dessa geração, que atua de forma *online* e *offline*.

A mobilização da Geração Tombamento e do *Black Twitter* no ciberespaço em torno da luta antirracista contribuiu para a expansão do debate acerca das reivindicações e denúncias a respeito do racismo. Nos últimos anos, vimos a imprensa se posicionar mais ativamente sobre a temática. Historicamente, os meios de comunicação em massa são dominados por uma elite branca e detentora dos bens de produção. Sob uma perspectiva hegemônica, estes sempre foram vistos e naturalizados como “a fonte de conhecimento”, da “informação”, e com o advento da internet, esse cenário se manteve, mas sob outras perspectivas. A mídia brasileira é um reflexo

da sociedade oligárquica e racista que vivemos. O racismo, assim como na sociedade brasileira, não está apenas intrínseco à mídia, é parte estruturante dela.

Pensando que o *Black Twitter* exerce na sociedade a função de um contra público, em que os usuários inventam e fazem circular contradiscursos para que questões urgentes sobre suas identidades, interesses e necessidades se façam presentes na agenda pública, a parte da análise deste trabalho se propõe a apresentar um estudo sobre as publicações impressas dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* com o objetivo de investigar os desdobramentos das denúncias do *Black Twitter* na imprensa brasileira.

A metodologia escolhida foi a pesquisa *ex-post-facto*, que se caracteriza como uma investigação sistemática e empírica onde não se tem controle direto sobre as variáveis independentes, tendo em vista que já ocorreram suas manifestações. Foi realizado um estudo das edições do primeiro e segundo caderno impressos dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* no período de 18 de maio de 2020 a 01º de junho de 2020, a fim de: (I) Levantar o número de edições que abordou os casos de João Pedro e George Floyd; (II) Entender qual o destaque que ambos os casos tiveram dentro de suas respectivas edições; (III) Ponderar se o racismo estrutural foi pautado pelos jornalistas; (IV) E, por fim, concluir as possíveis relações de influência que o *Black Twitter* possa ou não ter exercido na jornalismo impresso Brasileiro.

Os jornais foram escolhidos por representarem os mais lidos do país, tanto no impresso quanto digital, além de possuírem linhas editoriais distintas, o que garante maior objetividade para a pesquisa. O estudo foi dividido em dois momentos: o primeiro deles, quantitativo, visou entender a relevância das pautas dentro do contexto geral de pautas. O segundo momento, qualitativo, analisou as escolhas editoriais dos jornais como a diagramação, título, fontes ouvidas, construção de discurso, entre outros.

Espera-se que as conclusões dessa pesquisa sirvam de referência para os estudos sobre o *Black Twitter* e o engajamento de pessoas negras em plataformas digitais. Além de provocarem uma reflexão aos comunicólogos sobre o papel do jornalismo para a manutenção das estruturas de poder da sociedade.

2. O *BLACK TWITTER* COMO AO RESPOSTA RACISMO ALGORÍTMICO PRESENTE NO CIBERESPAÇO

Para conceituar o que é *Black Twitter* é necessário, primeiramente, explicar as mudanças que ocorreram no ciberespaço com o advento das mídias sociais no começo do século XXI. Elas funcionam como um espaço de cocriação e participação ativa dos usuários, fomentando a chamada “cultura do compartilhamento”, em que os processos comunicacionais espontâneos e não organizados que surgem na rede foram apropriados. Também se faz primordial a compreensão do que são “comunidades digitais”, os grupos socialmente conectados que são responsáveis por trazer a agenda pública para o ciberespaço.

Neste capítulo, será abordada de que forma as comunidades digitais são estruturadas dentro do Twitter, tendo em vista as particularidades dessa rede social, quando comparada à outras, como o Facebook, em que existem grupos e fóruns. É importante pontuar que, segundo uma pesquisa da *GlobalWebIndex*, publicada em 2019, o Brasil é o segundo colocado entre os países que mais utilizam as mídias sociais no mundo¹. A comunicação, interação, sociabilidade, organização e a circulação de informação — e desinformação — se tornam ainda mais presentes do que nos fóruns e blogs. À vista disso, a urgência da criação de narrativas contra hegemônicas dentro das redes sociais torna-se extremamente evidente.

2.1 O surgimento do ciberespaço e as mudanças nas formas de comunicação

Para avançarmos em nossa análise, é preciso considerar que o termo “ciberespaço” foi empregado pela primeira vez no romance “*Neuromancer*” (1984), pelo autor de ficção científica William Gibson, para referir-se a uma representação física e multidimensional do universo abstrato da “informação” (GIBSON, 1984), um lugar fora da experiência comum. Fora da literatura, Pierre Lévy (1999, p.92) integrou o conceito de ciberespaço aos estudos da Comunicação e outras Ciências Sociais Aplicadas, definindo-o como “o espaço da comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

Para o filósofo francês, o surgimento do mundo virtual, principalmente da internet, possibilitou a criação de um espaço aberto, fluído e navegável, em que conseguimos driblar as restrições do espaço e do tempo. Como exemplo, temos o envio de mensagens instantâneas, o

¹ Fonte: pesquisa realizada pela empresa GlobalWebIndex, realizada entre 2012 e 2019, que analisou dados de 45 dos maiores mercados de internet do mundo e estimou que o tempo diário médio que cada pessoa dedica a sites ou aplicativos de mídia social.

acesso às notícias de qualquer lugar do mundo, a possibilidade de transmissões ao vivo, entre outras coisas. Essa compressão do espaço-tempo institui o “tempo real” e a possibilidade de acesso a informações em todos os espaços do globo.

Na definição de Lemos (1998), o ciberespaço pode ser entendido sob duas perspectivas: "como o lugar onde estamos quando entramos em um ambiente virtual", ou seja, num ambiente como as salas de chat, por exemplo, ou ainda, como o "conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta". Ele seria caracterizado como um espaço virtual, não oposto ao real, mas que o complexificaria, público, imaterial, constituído através da circulação de informações. (LÉVY, 1999, p.94 apud MANTA; SENA, 1998, s/p)

Com isso, também pode-se considerar que a rede mundial de computadores interligados é desterritorializante e cria novas perspectivas de territorialização. Trata-se de um lugar público onde a maior parte da interação se desenrola e milhares de usuários podem ser considerados dispositivos de comunicação, já que o ele coloca em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas (LÉVY, 2010).

O ciberespaço também é designado como um lugar de produção de novas formas de socialização e cultura (LÉVY, 2000), que possibilita a criação de uma nova cidadania — a virtual — na qual é possível presenciar a configuração de novas identidades. Como exemplos contemporâneos, pode-se considerar os perfis *fan account*², os *fakes*³, que multiplicam os tipos de realidade que encontramos na sociedade e evidenciam a configuração de novas relações culturais.

O surgimento do ciberespaço inaugurou uma comunicação de “todos com todos”, e não mais “de um para todos” como era feito pelas mídias hegemônicas tradicionais como a TV, o jornal e o rádio, em que a mensagem partia de forma linear de um centro emissor — as mídias tradicionais hegemônicas — para muitos receptores passivos, as massas. De fato, a internet trouxe uma ideia de “universalização” da comunicação, porém, como apontado por Lévy, entretanto, o status quo de produtor de informação, de “influenciador digital” era atribuído apenas a uma elite dominante, enquanto o pensamento e as opiniões da maioria da população eram vistos como subordinados.

Não quero dar a entender, com isso, que a universalidade do ciberespaço é "neutra" ou sem consequências, visto que o próprio fato do processo de interconexão já tem, e terá ainda mais no futuro, imensas repercussões na atividade econômica, política e cultural. Este acontecimento transforma, efetivamente, as condições de vida em sociedade. Contudo, trata-se de um universo indeterminado e que tende a manter sua indeterminação, pois cada novo nó da rede de redes em constante expansão pode

² O termo *fan account* refere-se aos perfis em redes sociais que são por um fã que se dedica exclusivamente a criar conteúdo sobre seu ídolo.

³ Perfis falsos criados por pessoas que mentem sobre suas identidades.

tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta. (LÉVY, 1999, p. 118)

É importante levar em consideração que o ciberespaço é apenas mais uma ferramenta para disseminação de discursos antirracistas e de outros grupos minoritários, mas não amplamente efetiva para promoção de significantes, pois, a disseminação desses discursos deve começar antes, fora delas. Historicamente, os meios de comunicação em massa são dominados por uma elite branca e detentora dos bens de produção. Sob uma perspectiva hegemônica, estes sempre foram vistos e naturalizados como “a fonte de conhecimento”, da “informação”, e com o advento da internet, esse cenário se manteve, mas sob outras perspectivas.

Além disso, vale ressaltar que, por mais que se possa dizer que o ciberespaço funcione de maneira mais democrática, o seu ingresso ainda depende de recursos indispensáveis, como acesso a um computador, à internet e o conhecimento sobre o mundo virtual. Nesse sentido, o racismo, entendido como estrutural, trata-se de um conceito diretamente atrelado à supressão e ao silenciamento da história étnico-racial e cultural do povo negro. Mostra-se, hoje, como algo que é atualizado com frequência, porque move e é movido por uma estrutura que permanece sendo naturalizada desde a escravidão (PINTO, 2020).

2.2 “A terra dos *likes*: a nova configuração do ciberespaço

É primordial frisar que muitas mudanças ocorreram desde o surgimento do ciberespaço, há mais de vinte anos. Em sua gênese a internet era, basicamente, um meio pelo qual as pessoas trocavam textos, conhecida como Web 1.0 (LÉVY, 1999) e seu acesso era ainda mais restrito às pessoas que tinham recursos muito caros para acessar a tecnologia. Na era do capitalismo informacional, a rede mundial e as mídias sociais estão massivamente incorporadas ao cotidiano da sociedade, fazendo parte do seu aspecto comunicacional.

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais. (LÉVY, 1998, p. 17)

Com os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TICs) que ocorreram na última década, as mídias sociais como Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp se tornaram o novo epicentro do ciberespaço. Nelas, a comunicação, interação, sociabilidade, organização e a circulação de informação — e desinformação — se tornam ainda mais presentes

do que nos fóruns e blogs abordados anteriormente por Lévy. Estes *softwares* sociais funcionam como um espaço de cocriação e participação ativa dos usuários, que fomentam um discurso legitimador e ao mesmo tempo aglutinador em torno da prática do compartilhamento (ZANETTI, 2011). Segundo a comunicóloga Daniela Zanetti, são esses mecanismos das mídias sociais que, de certo modo, se apropriam dos processos comunicacionais espontâneos e não organizados que surgem na rede. Tanto que a cada dia torna-se mais habitual encontrar várias formas de interação e colaboração sobre o que está acontecendo no mundo (ZANETTI, 2011). Como maior exemplo, temos a configuração das próprias redes sociais com expressões “O que está acontecendo?”, “O que você está pensando?”, “Qual a sua sugestão?”.

Dessa forma, as mídias sociais possibilitam que o ciberespaço atue na comunicação, criação e no compartilhamento mimético, ou seja, a imitação de significados de diversas culturas, como exemplo, podemos apontar os memes, *hashtags*, figurinhas de WhatsApp, *gifs*, entre outros. Essas características privilegiam a ideia de cibercultura, entendida como o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999).

Pessoas em espaços virtuais usam palavras projetadas em telas para trocar afeto e argumentar, engajar em discussões intelectuais, comercializar, trocar conhecimentos, dividir emoções, fazer planos, fofoca, conhecer pessoas novas, namorar, encontrar amigos e perdê-los, jogar, flertar, criar coisas muito boas e jogar papo fora. Pessoas em comunidades virtuais fazem praticamente tudo o que pessoas fazem na vida real, com exceção daquelas que exigem a presença física de seu corpo. Você não pode beijar nem dar um soco em ninguém, porém uma série de coisas podem ser feitas sem as fronteiras físicas. (RHEINGOLD, 1993, p. 3 apud SILVA, 2016, p. 167)

2.3 Os filtro-bolhas algorítmicos e a formação das comunidades digitais

Na atual configuração das redes sociais existem algoritmos que realizam a mediação dos conteúdos que chegam ao usuário. Os desenvolvedores das plataformas programam *machine learnings*⁴ que realizam uma espécie de curadoria do conteúdo e decidem o que vai ou não ser veiculado na rede. Os critérios são decididos a partir da filtragem social, onde a própria rede dá

⁴*Machine learning* (ML) é o estudo de algoritmos de computadores que se aprimoram automaticamente por meio da experiência e do uso de dados. Algoritmos de aprendizado de máquina constroem um modelo baseado em dados de amostra, conhecidos como "dados de treinamento", a fim de fazer previsões ou decisões sem serem explicitamente programados para isso. Eles são usados em uma ampla variedade de aplicações, como filtragem de e-mail e visão computacional, onde é difícil ou inviável desenvolver algoritmos convencionais para realizar as tarefas necessárias.

visibilidade àquilo que considera importante, enquanto despreza aquilo que não o é (LERMAN, 2007 apud RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017).

Filtro-bolhas limitam as pessoas a verem com mais frequência os conteúdos que o algoritmo entende que elas possuem maior afinidade, o que pesquisam nos navegadores de busca, os conteúdos que costumam dar mais engajamento, o tipo de produto que compram online, entre outros. Essa intervenção acelera o processo de filtragem natural do nosso subconsciente, que nos ajuda a lidar com o excesso de informação, com isso, são criadas bolhas que isolam os atores sociais dentro de grupos em que apenas alguns tipos de informação circulam, criando uma percepção falsa de Esfera Pública (onde "todos" falam) e de opinião pública (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017). A nova ordenação também minimiza a imprevisibilidade dos nós que se criam nas redes e fomenta a reprodução mimética de discursos e ideias de grupos que possuem sinergia, elaborando uma espécie de “inteligência coletiva”.

A combinação da filtragem feita pelos usuários com aquela exercida pelos algoritmos poderia levar a uma personalização da experiência de consumo de informações em SRS. A personalização em excesso poderia levar à formação de filtros-bolha (PARISER, 2011), com sujeitos que consomem conteúdos cada vez mais personalizados para si e alheios ao que acontece no mundo fora de seu contexto particular e específico de interesse. Para Pariser o que é mais preocupante nessa onda de personalização é o fato de que esse processo é, em sua maior parte, invisível para os usuários. “Não estamos cientes de que estamos vendo imagens da internet cada vez mais divergentes entre si”. (RECUERO; ZAGO; SOARES, 2017, p. 7)

A partir da formação dessa “inteligência coletiva”, surgem grupos que apresentam novas sociabilidades decorrentes da interação mediada por algoritmos, com características comunitárias que podem reproduzir e ampliar as relações, são as chamadas comunidades digitais. Segundo Santaella (2003, p. 121), as comunidades digitais são “grupo de pessoas globalmente conectadas na base de interesses e afinidades em lugar de conexões acidentais ou geográficas”.

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. Nessa definição, os elementos formadores de uma comunidade virtual são discussões públicas; nelas as pessoas se encontram e se reencontram, num mesmo período de tempo, para constituir relações sociais impregnadas de sentimentos. (RHEINGOLD, 1995, p. 20; apud ROCHA, 2018, p.8)

As comunidades digitais funcionam como filtros inteligentes que nos ajudam a lidar com o excesso de informação. Trata-se de um mecanismo que nos abre para as visões alternativas de uma cultura. Elas são as responsáveis por pautar a agenda pública para o ciberespaço, permitindo distintas interações, fluidas e flexíveis entre usuários, como conversas,

trocas de conhecimento, ações comerciais, encontro entre amigos e desconhecidos independente do tempo e do local.

Em se tratando do Twitter, observa-se a particularidade que, diferente de outras redes sociais, como Facebook, em que existem grupos e fóruns fechados para membros que compartilham um interesse, pois nessa rede social as comunidades são criadas a partir de uma “inteligência coletiva” sobre as afinidades de interesses e conhecimentos, em um processo de cooperação ou de troca. Tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 2010), uma vez que a representação identitária vigora.

2.4 O racismo estrutural e o racismo algorítmico no Twitter

Conforme mencionado anteriormente, Pierre Lévy defendia que o ciberespaço se constitui enquanto um espaço totalmente desregulado, o sistema do caos. Em primeira instância, entendia-se que os algoritmos das redes sociais funcionam de maneira imparcial e mecanizada, realizando uma curadoria do conteúdo que vai ou não ser veiculado na rede, baseado em filtragem social, onde a própria rede dá visibilidade àquilo que considera importante, enquanto despreza aquilo que não o é. Nessa lógica, os algoritmos de inteligência de máquina funcionam de maneira mecanizada, fomentando apenas a criação das comunidades digitais que compartilham de uma “inteligência coletiva”. Contudo, pesquisadores, ativistas e desenvolvedores identificaram que as tecnologias digitais de comunicação são racializadas e racistas, construídas a partir de uma lógica da supremacia branca (NAKAMURA, 2008; et al).

É essencial considerar que os algoritmos são idealizados por pessoas, que carregam preconceitos estruturais e seus vieses inconscientes (TRINDADE, 2018). A manutenção das estruturas colonialistas pode, de fato, não ser intencional, mas esse fato não isola a responsabilidade dos desenvolvedores e cientistas de dados sobre a manutenção da estrutura racista de poder não só no Brasil, mas no mundo. No Livro “Algoritmos da Opressão” (2018), Noble também reitera esse pensamento: “Na internet e nos nossos usos rotineiros da tecnologia, a discriminação está embutida nos códigos computacionais e, cada vez mais, em tecnologias de inteligência artificial das quais dependemos, por escolha ou não” (NOBLE, 2018, p. 1, tradução nossa⁵).

Analisando em específico a sociedade brasileira, temos ainda o agravante da crença na democracia racial brasileira, que defende que as desigualdades raciais no Brasil eram resquícios

⁵ No original: “On the Internet and in our everyday uses of technology, discrimination is also embedded in computer code and, increasingly, in artificial intelligence technologies that we are reliant on, by choice or not.”

de um passado escravista que desapareceu a partir das novas relações de trabalho presentes no sistema capitalista. Nesse contexto, grande parte da população tem dificuldades de identificar práticas racistas no cotidiano da sociedade brasileira (FIGUEIREDO; GROSGOUEL, 2010). Como maior exemplo, temos a pesquisa realizada pela USP em que 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito, enquanto 98% disseram conhecer, sim, pessoas e situações que revelam a existência de preconceito racial no país.

Essa falsa sensação de neutralidade do ciberespaço, somada ao contexto sociocultural de um Brasil genocida⁶, torna ainda mais desafiador a militância em prol do antirracismo nos ambientes digitais, uma vez que os processos se materializam de maneira “invisível” nos recursos automatizados como a curadoria de conteúdo, reconhecimento facial e processamento de imagens.

O racismo não deve ser entendido como um comportamento excepcional dos indivíduos desviando de uma norma social não-racista, ele funciona como um sistema sociopolítico global, que inclui historicamente formatações das tecnologias de comunicação que favorecem os vieses de sistemas que intensificam discriminações e opressões (ALI, 2013, p.99). O racismo algorítmico é um conjunto de interfaces e sistemas automatizados, tais como as plataformas de redes sociais, que podem não somente reforçar, mas também ocultar dinâmicas de cunho racistas das sociedades onde são empregadas e amplamente disseminadas (SILVA, 2019).

Os casos de identificação de racismo algorítmico somam-se na medida em que pesquisadores, ativistas e desenvolvedoras geram relatórios, reportagens e guias de auditoria e ação sobre aspectos discriminatórios em diversos dispositivos midiáticos como análise de recomendação de conteúdo, anúncios, reconhecimento facial e visão computacional, buscadores (NOBLE, 2018) e outros. Junto a outros indicativos sobre economia, violência, (neco)política e representação midiática, estes casos lembram que racismo “não deve ser entendido como um comportamento excepcional dos indivíduos desviando de uma norma social não-racista mas, diferentemente, como um sistema sociopolítico global” (ALI, 2013, P.99) que inclui historicamente formatações dos campos produtivos da tecnologia que favorecem o treinamento enviesado de sistemas que intensificam discriminações e opressões. (SILVA, 2019, p. 123-124 apud TUFEKCI, 2015; SWEENEY, 2013; BUOLAMWINI 2017; BUOLAMWINI; GEBRU, 2018, et al)

Analisando especificamente o Twitter, plataforma escolhida para o desenvolvimento dessa pesquisa, o racismo algorítmico influencia o debate na esfera pública. Segundo uma pesquisa realizada por Recuero (2014, p.307) sobre análise de discurso no Twitter, os marcadores textuais específicos em torno de questões raciais apontam que a plataforma

⁶ Uma pesquisa feita entre 2008 e 2018 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum de Segurança Pública revelou que mais de 75% das vítimas de homicídios no país são negras.

invisibiliza o debate racial. Analisando a *hashtag* #DiadaConsciênciaNegra, a pesquisadora percebeu que a data foi reduzida à questão do feriado, tornando irrelevante sua associação com o debate racial, com a questão histórica e com o desvelamento da dominação.

Esse resultado torna-se ainda mais crítico em meio ao cenário em que a plataforma decidiu não banir discursos de ódio nazistas e supremacistas, sob a justificativa de não influenciar a campanha política de candidatos republicanos nos Estados Unidos. O falso discurso de imparcialidade influencia diretamente a existência no ciberespaço de pessoas negras, uma vez que o discurso de ódio é um ataque direto à dignidade das pessoas é um fator primordial na desumanização das populações direcionadas. As características difamatórias e humilhantes do discurso racista causam diminuição dos níveis de autoestima das pessoas (ROSHANI, 2020).

Outro caso marcante foi a série de denúncias feitas por usuários em setembro de 2020, de que o recorte do *preview*, que é feito automaticamente pelo algoritmo da plataforma, quase sempre foca na pessoa branca da imagem e dificilmente destaca pessoas negras. O *tweet* de maior repercussão sobre o tema (Figura 1) foi um experimento em que um usuário fez um *tweet* com uma colagem de fotos de Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos, e Mitch McConnell, senador americano (Figura 2). Apesar de Obama possuir a mesma, ou até mais influência que o político republicado, o algoritmo mostrou apenas a imagem de Mitch McConnell todas as vezes. A plataforma só foi adotar mudanças em março deste ano (Figura 3), contudo não houve nenhum pronunciamento sobre o tema.

Figura 1 – Captura de tela do *tweet* feito pelo usuário @bascule⁷



Fonte: Reprodução nas redes sociais

Figura 2 – Colagem usada no *tweet*, com as fotos de Barack Obama e Mitch McConnell



⁷ Tradução: “Tentando uma experiência horrível....Quem o algoritmo do Twitter vai escolher:Mitch McConnell ou Barack Obama?”

Figura 3 – Pronunciamento oficial do Twitter sobre mudanças na plataforma



Fonte: perfil oficial do Twitter

2.5 O *Black Twitter*

Em resposta a um cenário de racismo estrutural e técnico-informacional, o *Black Twitter* vem se configurando como uma comunidade digital contra hegemônica, disruptiva e revolucionária. São pessoas negras, organizadas no ciberespaço em prol da luta para que as pautas do movimento negro se façam ouvidas e presentes da agenda pública. Em linha com Graham e Smith (2016), uma maneira para entender o *Black Twitter* é considerá-lo tendo a forma e a função de um contra público. Trata-se de arenas discursivas paralelas onde membros de grupos sociais subordinados inventam e fazem circular contradiscursos para formular interpretações de oposição de suas identidades, interesses e necessidades (FRASER, 1989).

Na Academia, os pesquisadores André Brock (2008) e Chris Wilson (2009) se propuseram analisar o comportamento de pessoas negras no Twitter em suas pesquisas, contudo, usaremos como ponto de partida o artigo da revista *Slate* "Como as pessoas negras

usam o Twitter" (tradução nossa)⁸, escrito em agosto de 2010 por Farhad Manjoo. O jornalista norte americano escreveu que os jovens negros pareciam usar o Twitter de uma forma particular: "Eles formam grupos mais restritos na rede – seguem uns aos outros mais prontamente, se *retweetam* mais frequentemente, e mais de seus posts são @-replicações-postais direcionados a outros usuários" (MANJOO, 2010, online tradução nossa⁹). Manjoo citou Brendan Meeder (2010), da Carnegie Mellon University, que argumentou que o alto nível de reciprocidade entre os muitos usuários que iniciam *hashtags* (ou *blacktags* leva a uma rede de alta densidade e influência.

O artigo trouxe para a comunidade uma visão mais ampla e fomentou a produção acadêmica sobre o *Black Twitter*, mas também gerou críticas de pesquisadores, dentre eles a Phd em estudos americanos, Kimberly C. Ellis (2010), que no mesmo publicou no blog “Dr. Godness” uma resposta intitulada “Porque ‘Eles’ não entendem o que os negros fazem no Twitter” (tradução nossa)¹⁰. A pesquisadora concluiu que o artigo havia sido generalizado demais e apontou que existe muita diversidade entre as pessoas negras que usam o Twitter.

[Eu] não tenho certeza de que não só a Slate, mas o resto da América não tem idéia real de quem são os negros, nenhuma pista real sobre nossa humanidade, em geral [...]. Para nós, o Twitter é um meio eletrônico que permite flexibilidade suficiente para a criatividade desinibida e fabricada, ao mesmo tempo em que exhibe mais dos pontos fortes das mídias sociais que nos permitem construir comunidade. [...] Na verdade, falamos uns com os outros e transmitimos uma mensagem para o mundo, daí a popularidade dos Trending Topics e o uso do Twitter, sim? (ELLIS, 2010, s/p, tradução nossa¹¹)

Dando sequência, em 2013, o jornalista Shani O. Hilton publicou no Buzzfeed a reportagem “O poder secreto do *Black Twitter*”, em que descreveu a comunidade digital como um grupo de “twitteiros” negros que estão interessados em questões raciais, nas notícias e na cultura pop, e que escrevem com frequência sobre esses temas (HILTON, 2013). O jornalista acrescenta que enquanto a comunidade inclui milhares de usuários negros do Twitter, na verdade nem todos dentro do *Black Twitter* são negros, e nem todos os negros no Twitter estão no *Black Twitter*. Ele também observa que o alcance viral e o foco das *hashtags* do *Black Twitter*

⁸ No original: "How Black People Use Twitter".

⁹ No original: "They form tighter clusters on the network—they follow one another more readily, they retweet each other more often, and more of their posts are @-replies—posts directed at other users."

¹⁰ No original: Why 'They' Don't Understand What Black People Do On Twitter.

¹¹ [I]t's clear that not only Slate but the rest of mainstream America has no real idea who Black people are, no real clue about our humanity, in general [...]. For us, Twitter is an electronic medium that allows enough flexibility for uninhibited and fabricated creativity while exhibiting more of the strengths of social media that allow us to build community. [...] Actually, we talk to each other AND we broadcast a message to the world, hence the popularity of the Trending Topics and Twitter usage, yes?

o transformaram de uma mera fonte de entretenimento e objeto de curiosidade externa para “uma força cultural em seu próprio direito... Agora, os negros no Twitter não estão apenas influenciando a conversa online, eles estão criando” (HILTON, 2013, s/p, tradução nossa¹²).

Além disso, com o avanço das pesquisas sobre o tema, Meredith Clark (2014), publicou a dissertação “Para tuitar nossa própria causa: Um estudo de métodos mistos sobre o fenômeno online ‘*Black Twitter*’”,(tradução nossa)¹³ em que estudou a prática afro-americana de criar *hashtags* no Twitter, argumentando que a maioria das pessoas as usa para “testar suas opiniões com a certeza de que estão sendo compartilhadas dentro de um espaço onde os valores fundamentais ainda são acordados” (CLARK, 2014, p.105, tradução nossa¹⁴). Em sua pesquisa, a jornalista e pesquisadora explica que os usuários no *Black Twitter* começaram a usar *hashtags* como uma forma de atrair pessoas com ideais semelhantes para interagir uns com os outros e sentir que estão engajados em um “espaço seguro”.

Clark também caracteriza o uso do *Black Twitter* como sendo criticamente importante para o grupo, pois a conversa ajuda “a cimentar a hashtag como um artefato cultural reconhecível tanto na mente dos participantes do *Black Twitter* quanto de indivíduos sem nenhum conhecimento da discussão inicial” (CLARK, 2014, p.106, tradução nossa¹⁵). Ela argumenta que as *hashtags* passaram a servir como um método de estabelecer conversas entre partes separadas para uma razão fundamental por trás de como os usuários fora do *Black Twitter* aprendem sobre os pensamentos e sentimentos dos afro-americanos no mundo atual.

Nos estudos contemporâneos, Brock (2020) complementa os argumentos trazidos por outros pesquisadores com a ideia de que o *Black Twitter* é norteado por um senso de identificação com pautas específicas entre usuários negros, que podem ou não se conhecer fora da plataforma e, por meio disso, desenvolver identificação e conexões tanto on-line quanto offline. Dessa forma, essa rede não permite que o *Black Twitter* seja um grupo específico da plataforma ou uma hashtag fixa de reunião de negros falando sobre suas negritudes, mas diz respeito a usuários negros utilizando a plataforma, seguindo e interagindo com outras pessoas negras compartilhando suas vivências assim como qualquer outro usuário do Twitter (BROCK, 2020).

¹²No original: “a cultural force in its own right ... Now, black folks on Twitter aren't just influencing the conversation online, they're creating it.”

¹³No original: “To tweet our own cause: A mixed-methods study of the online phenomenon ‘Black Twitter’.”

¹⁴No original: “test their opinions with the assurance they are being shared within a space where fundamental values are still agreed upon.”

¹⁵No original: “cement the hashtag as a cultural artifact recognizable in the minds of both Black Twitter participants and individuals with no knowledge of the initial discussion”.

3. O SURGIMENTO DO *BLACK TWITTER* E O MOVIMENTO #BLACKLIVESMATTER

O *Black Twitter* se configura como uma comunidade digital contra hegemônica, disruptiva e revolucionária. São pessoas negras, organizadas no ciberespaço em prol da luta para que as pautas do movimento negro se façam ouvidas e presentes da agenda pública. Uma maneira para entender esse grupo é considerá-lo tendo a forma e a função de um contra público. Trata-se de arenas discursivas paralelas nas quais os usuários inventam e fazem circular contradiscursos para que questões urgentes sobre suas identidades, interesses e necessidades se façam presentes na agenda pública.

3.1 O surgimento do *Black Twitter* nos Estados Unidos

A comunidade digital constituída por pessoas negras surgiu nos Estados Unidos na década de 2010 como resposta a um cenário de racismo estrutural e técnico-informacional. Assim como no Brasil, a abolição da escravatura veio acompanhada da desigualdade de acesso à educação, saúde, trabalho e moradia. Contudo, diferentemente da ideia de "multirracialidade" vivida nas terras tupiniquins, após a abolição os estadunidenses adotaram uma conjuntura de bi-racialidade¹⁶, desencadeando em bairros, escolas e lojas segregados entre negros e brancos.

Em um cenário em que o país se dividia entre interesses agrários e escravagistas do Sul e interesses industriais do Norte, a abolição da escravidão envolvia uma mudança estrutural de mão de obra, migração e alteração das classes sociais. O Norte, em processo de industrialização, demandava trabalhadores e consumidores para os produtos que estava produzindo e o sul, que produzia com mão de obra exclusivamente escrava, compunham o contexto de abolição que culminou na guerra civil americana. Mesmo após o fim de Guerra Civil Americana, os estados do Sul seguiram apoiando a escravidão e disseminavam a ideia de que as pessoas brancas eram superiores.

O racismo era institucionalizado por lei e os sulistas usavam violência para intimidar as comunidades negras, tendo como argumento o darwinismo social, afirmando que a segregação era, de alguma forma, condizente com as leis da natureza. Nesse sentido, os brancos eram vistos

¹⁶ Os norte-americanos creem na realidade da “raça” como uma característica definida e evidente do mundo natural. O racismo é uma consequência fatal dessa condição imutável. Mas a crença na distinção da cor e do cabelo, a noção de que esses fatores possam organizar a sociedade corretamente e de que significam atributos mais profundos, inapagáveis, é a nova ideia que prevalece no pensamento dessas novas pessoas que de forma desesperançosa, desastrosa e utópica, acreditam que são brancas (COATES, 2015).

como superiores e o racismo não só era institucional, mas também pretensamente baseado na "ciência". Foi nessa época que surgiram grupos de supremacia racial, como a *Ku Klux Klan*, que promoviam ataques e linchamentos contra negros que tentavam exercer suas cidadanias.

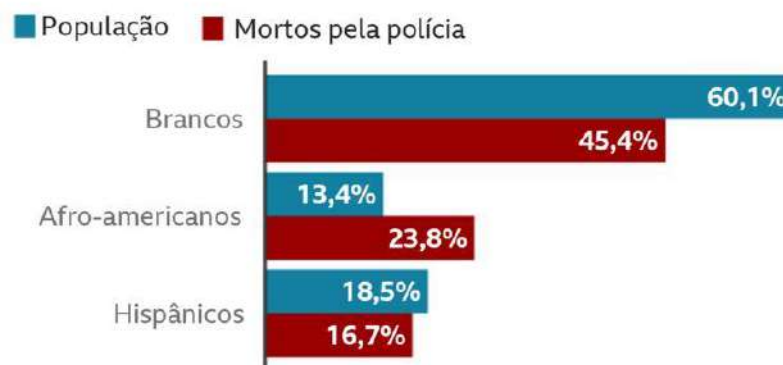
Após muita luta de grandes nomes que marcaram a humanidade, como Rosa Parks, Martin Luther King, Jr, *the Black Panther Party*, além de milhares de outras pessoas negras que se organizaram e se manifestaram, política e socialmente, e infelizmente não tiveram seu nome marcado na história, os Estados Unidos foram forçados a debater sobre o racismo e levar o debate para esfera política. Em 1964 foram instituídas as leis dos Direitos Civis, e finalmente, em 1967, as pessoas negras garantiram seu direito ao voto, além de direitos iguais sem discriminação baseada em raça.

Apesar do fim da segregação institucionalizada, a marginalização das pessoas negras se mostra cotidianamente longe de acabar. Segundo o banco de dados de mortes pela polícia do jornal americano *The Washington Post*, a população total dos EUA é majoritariamente autodeclarada branca (62%), enquanto a população negra corresponde a apenas 13%, entretanto, quando examinamos as mortes por ação policial, segundo dados coletados entre 2015 e 2021, quase 24% dos assassinados são negros. Proporcionalmente falando, isso significa que pessoas negras são 2,5 vezes mais assassinadas que pessoas brancas. Levantamentos posteriores feitos pelo jornal também relevaram que a taxa de assassinatos de negros desarmados por policiais nos Estados Unidos é três vezes maior do que de brancos.

Figura 4 — Gráfico da relação de assassinatos policiais por raça versus proporção da população dividida por raça

Mortes pela polícia e tamanho da população por grupo étnico

Casos entre Jan 2015 e Mar 2021



Obs: o restante de mortes se refere a outras minorias ou etnias desconhecidas

Fonte: The Washington Post

Nos últimos anos, a discussão sobre racismo e atuação do Estado contra jovens negros tem se tornado cada vez mais urgente, principalmente por conta das mídias sociais e dos dispositivos móveis. Com os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TICs), as possibilidades de interações foram ampliadas e, por consequência, alteraram a nossa relação com a informação (SANTAELLA, 2012). Os indivíduos podem deixar de ser meros consumidores e passam a atuar como produtores de conteúdo, tendo agora uma ferramenta para expressão e um meio de organização e, até mesmo, de transformação, especialmente no contexto de identidades racializadas e propostas antirracistas. “Essa percepção de que a mídia somos nós, esse conjunto de singularidades que podemos acessar, com quem podemos interagir e trocar realmente, é uma mutação antropológica” (BENTES, 2015, p 12).

Graças à cibercultura, os ativistas digitais podem se conectar com outras pessoas mobilizadas com a causa antirracista – e outras lutas sociais igualmente importantes –, e tomar conhecimento de informações invisibilizadas pelos meios de comunicação em massa, permitindo assim a maior organização das pautas urgentes do movimento negro. Isso acontece pois o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas (LÉVY, 1999).

[É] essencial enfatizar o papel basilar da comunicação na formação e na prática dos movimentos sociais, agora e ao longo da história. Porque as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando a sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. Sua conectividade depende de redes de comunicação interativas. Em nossa sociedade, a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio. Além disso, é por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano. Mas as redes de comunicação digital são um componente indispensável na prática e na organização desses movimentos tal como existem (CASTELLS, 2013, p. 166-167)

Tal organização dentro do ciberespaço foi essencial para ampliar o combate ao racismo estrutural enraizado e fomentar um levante social e político que conhecemos hoje como *Black Twitter*. Entre 2010 e 2013, quando o debate sobre o antirracismo crescia nas mídias sociais, cerca de 25% de todas as pessoas negras nos Estados Unidos que estavam online também usaram o Twitter¹⁷. Foi nessa época, mais precisamente em 2013, que nasceu o *Black Lives Matter*, que podemos considerar como o maior ato do movimento negro americano, incluindo o *Black Twitter*, desde a Marcha sobre Washington por direitos civis¹⁸. A *hashtag*

¹⁷ Fonte: Centro de Pesquisa Pew, que analisou a atividade no Twitter entre 2010 e 2013.

¹⁸ A Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade foi uma manifestação política de grandes proporções ocorrida na cidade de Washington D.C., capital dos Estados Unidos, em 28 de agosto de 1963, organizada e liderada, entre outros, pelo advogado, pastor, ativista dos direitos humanos e pacifista Martin Luther King, que

#BlackLivesMatter foi criada pela advogada, artista e escritora Patrisse Cullors; a ativista e escritora Alicia Garza; e pela ativista, escritora e ex-diretora da *Black Alliance for Just Immigration*, Opal Tometi, após a absolvição de George Zimmerman pelo assassinato de um jovem negro de 17 anos. Rapidamente, a *hashtag* evoluiu e se tornou uma resposta contra a paralisia política diante genocídio da juventude negra, um catalisador de diversos descontentamentos diversos, principalmente no que diz respeito a violência policial (RICKFORD, 2016).

Nesse contexto, um fenômeno que teve início em 2010 torna-se ainda mais evidente: existe uma crescente de pessoas negras que, independentemente de localização geográfica, começaram a seguir umas às outras, interagirem entre si e compartilhar suas experiências enquanto pessoas negras. É importante considerar que o *Black Twitter* não se trata de uma plataforma separada, mas de uma forma com a qual os negros e negras do *Twitter* podem conectarem-se para compartilhar vivências, informações e questões prementes para a sociedade, como por exemplo autoaceitação, representatividade, encarceramento, entre outros.

Eu defino “*Black Twitter*” como uma rede de comunicadores culturalmente conectados usando a plataforma para chamar a atenção para questões que preocupam as comunidades negras. É a cultura com a qual crescemos. É a cultura que vivenciamos em nossas vidas e na escola, no local de trabalho, com entretenimento - e você vê conversas se aglutinando em torno de momentos culturais específicos. Eu sempre explico para as pessoas que o *Black Twitter* não tem um *gateway*, uma batida secreta. Não é uma plataforma separada. Está tudo na forma como as pessoas usam a plataforma para chamar a atenção para questões que preocupam as comunidades negras. (CLARK, 2018, p. 2. tradução nossa¹⁹)

Conforme defendido por Clark (2018) o discurso negro on-line diferencia-se dos demais e trata sobre o ‘ser negro’ em diferentes contextos ao desenvolver conteúdos”. Dessa forma, o senso de identificação com pautas específicas entre a comunidade é o que a orienta, não permitindo assim, que o *Black Twitter* seja um grupo específico da plataforma ou uma *hashtag* fixa de reunião de negros falando sobre suas negritudes, mas diz respeito a usuários negros utilizando a plataforma, seguindo e interagindo com outras pessoas negras compartilhando suas vivências assim como qualquer outro usuário do *Twitter* (BROCK, 2020).

reuniu mais de 250.000 pessoas na cidade para clamar, discursar, orar e cantar por liberdade, trabalho, justiça social e pelo fim da segregação racial contra a população negra do país.

¹⁹ No original: I define “Black Twitter” as a network of culturally connected communicators using the platform to draw attention to issues of concern to black communities. It’s the culture that we grew up with. It’s the culture that we experienced in our lives and school, in the workplace, with entertainment – and you see conversations coalesce around specific cultural moments. I always explain to people that Black Twitter doesn’t have a gateway, a secret knock. It’s not a separate platform. It’s all in the way that people use the platform to draw attention to issues of concern to black communities.

3.2 “Já que é pra tombar, tombei”: a Geração Tombamento e o *Black Twitter* no Brasil

No Brasil, o *Black Twitter* surge como resposta à conjuntura de um país afro-diaspórico e estruturalmente racista. Estrutura esta que também se reproduz no ciberespaço, cuja própria configuração apresenta um racismo algoritmo e sistêmico, que privilegia a naturalização e a manutenção da branquitude nas estruturas de poder.

Assim como nos Estados Unidos, as consequências da escravidão ainda são vistas na sociedade brasileira, com a diferença de que em nosso país existiu um enorme esforço em promover a imagem de sociedade pós-racial sem paralelos no mundo — o mito da democracia racial. Apesar de não ter havido nenhuma ação de reparação ou integração de pessoas negras na sociedade brasileira, foi criado no imaginário coletivo a ideia de que o racismo teria acabado junto com a escravidão e que o Brasil seria formado pela “mistura de raças”.

Duas evidências levantadas por Trindade (2020) acerca desse fato foram a decisão de Rui Barbosa pela queima de arquivos de registros de posse de escravos, sob a justificativa de que “por honra da Pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira” (JACOMINO, 2010, p. 2 apud TRINDADE 2020), ou seja, uma tentativa de apagamento histórico da escravidão; e a série de reportagens feitas pela *Ebony*²⁰ sobre a sociedade “pós-racial”. A revista enviou um jornalista para uma expedição de dois meses para compreender como operava na prática as terras tupiniquins. A conclusão do jornalista, publicada em duas edições da revista (THOMPSON, 1965a; 1965b apud TRINDADE 2020), foi de que a miscigenação “pode não ser a resposta definitiva, mas, até o momento, é a melhor [em comparação aos EUA]”.

Outro indício notável é a famosa pesquisa da *Folha de S. Paulo*, realizada em meados da década de 1990, que revelou que 89% da população admite e reconhece a existência de racismo no país, porém, 90% dos respondentes se definiram como não-racistas. Essa negação da existência dos “agentes causadores do problema” é um dos fatores que fortalece o racismo estrutural vivido no país. Silvio de Almeida e José Vicente, em entrevista para Agência Senado, reforçaram o quanto a negação é essencial para a continuidade do racismo: “Não sendo o racismo reconhecido, é como se o problema não existisse e nenhuma mudança fosse necessária.

²⁰ Criada em 1945, a *Ebony* é uma revista mensal com foco em notícias, cultura e entretenimento. Seu público-alvo é a comunidade afro-americana e sua cobertura inclui estilos de vida e realizações de negros influentes, moda, beleza e política.

A tomada de consciência, portanto, é um ponto de partida fundamental.” (ALMEIDA, 2020, online). José Vicente, reforçou a perversidade do mito da democracia racial:

Os brasileiros entendem que é lá fora que existe ódio racial, não aqui. Acreditam que no Brasil vivemos numa democracia racial, miscigenados, felizes e sem conflito. Essa é a perversidade do nosso racismo. Ele foi construído de uma forma tão habilidosa que os brasileiros chegam ao ponto de não quererem ou não conseguirem enxergar a realidade gritante que está bem diante dos seus olhos. (VICENTE, 2020, online)

Felizmente, nos últimos anos, com o aumento do debate das pautas identitárias, sobretudo a racial, a sociedade tem contestado as ideias ultrapassadas de Gilberto Freyre, vendo-as como “o mito da elite branca brasileira” que de fato são. Tais ideias já eram contestadas por grandes autores como Lélia Gonzalez (1983), Conceição Evaristo (2005), Abdias Nascimento (2016), entre outros, muito antes da democratização do ciberespaço, mas com o advento da internet e do *Black Twitter*, tais discussões saíram unicamente da esfera acadêmica e entraram no debate público.

Antes de se aprofundar quando o *Black Twitter* ganha forma e relevância no país, é preciso, inicialmente, voltar para o início do século XXI, mais precisamente, não por acaso, os dois mandatos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Durante seu governo, o país passou por avanços socioeducacionais e econômicos, proporcionando melhorias no acesso à saúde, educação, saneamento básico e infraestrutura, fatores sempre foram (e ainda são) negligenciados às pessoas negras. Neste trabalho, serão destacadas duas principais frentes que, acreditamos, contribuírem para a formação do *Black Twitter*, são elas: (I) As políticas de telecomunicações no Brasil, visando a ampliação da internet banda larga para as zonas rurais e as populações de baixa renda. Segundo o Mapa da Exclusão Digital, realizado pela FGV, em 2003, um branco nas mesmas condições de um negro tinha 167% mais chances de acessar a internet. (II) A democratização do acesso ao ensino superior com a institucionalização do sistema de cotas sociais e raciais — é importante deixar claro que o sistema de cotas foi, antes de mais nada, uma conquista do Movimento Negro Unificado, que há anos, independentemente de qualquer Governo, ou partido luta pela garantia da equidade para a população negra. Graças a essas políticas e seus investimentos, toda uma geração teve sua história transformada e as universidades, o mercado de trabalho e outros espaços de poder se viram obrigados a repensar a forma com a qual lidam com a diversidade.

Paralelamente a isso, portanto, no ciberespaço, a presença de pessoas negras com mais acesso à informação permitiu a democratização do debate racial e criação de novas formas de interação, assim como foi nos Estados Unidos. Nesse contexto, em 2014, surge a “Geração

Tombamento”, um movimento que, assim como **COMPLETAR AQUI COM MOVIMENTOS NEGROS ANTECESSORES**, também colocou em pauta a necessidade de repensar formas de interpretação da negritude no Brasil. Influenciado por manifestações culturais como o *Afropunk*, (Estados Unidos), *Sapeurs* (República do Congo) e os *Fashions Rebels* (África do Sul), o movimento se auto-organizou e iniciou nas mídias sociais suas reivindicações por uma maior valorização e respeito às estéticas negras em diferentes estados do país. O objetivo era o chamado e popularizado “empoderamento”, fortalecimento e o reconhecimento de indivíduos negros brasileiros, como uma forma de desconstruir preconceitos e enfrentar o racismo ao promover o reconhecimento da negritude, que por tanto tempo foi suprimida, desvalorizada e silenciada (SOUZA; LEITE; BATISTA, 2018).

O que estamos chamando neste trabalho de geração tombamento seria uma nova leitura dos movimentos *Black Power* dos anos 1970, com uma roupagem e subjetividades identitárias atualizadas no século XXI. Muito em favor deste novo momento do movimento negro estão as novas possibilidades de mobilização dos jovens através da internet, seja em *blogs*, *YouTube* ou sites de redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Assim como nos anos 1970, em que os jovens que buscaram na cultura pop, especialmente música e TV, por uma representação de si ditaram estilo e padrões de moda e comportamento para demais jovens negros, a geração tombamento toma emprestado os tênis Adidas da turma do hip-hop, as camisetas com frases de empoderamento da população negra, os cabelos coloridos, o movimento do cabelo natural e turbantes e estampas vindas da África para construir um senso de identidade baseado no consumo destes produtos. (BARROS, 2018, p.2)

De tal maneira, se por muito tempo, os espaços de comunicação em massa contribuíram para a manutenção e o reforço da baixa representação e do reforço de narrativas estereotipadas e racistas sobre indivíduos negros. Em enfrentamento desse racismo simbólico naturalizado, a Geração Tombamento se articulou com o propósito de empoderar a juventude negra, eliminar os estigmas racistas sobre a cultura negra, possibilitando a autonomia de expressão estética e o fortalecimento da autoestima de jovens negros. Algumas pautas dessa geração são: a transição capilar, a valorização do cabelo crespo e outros traços físicos negroides e a defasagem das marcas na criação de propagandas e produtos para esse tipo de cabelo; a baixa representatividade nos espaços de poder e a padronização das estéticas corporais.

Ao relacionar o *Black Twitter* com a Geração Tombamento, portanto, entende-se aqui que o próprio *Black Twitter* no Brasil emergiu como um desdobramento dessa geração, que atua de forma *online* e *offline*, pois a identidade negra trata-se de uma constante dinâmica que acontece em momentos diferentes na construção social de sujeitos negros. Segundo Brock Jr. (2020), ao inserir-se nos ambientes digitais, neste caso no *Twitter*, é atribuído aos usuários uma identidade tecnológica que espontaneamente cruza-se com a identidade racial e de gênero;

segundo o autor, os usuários negros do *Twitter* são tão heterogêneos quanto a comunidade de onde provêm.

Desta forma, compreendo uma das principais práticas pela qual o *Black Twitter* revela-se: ser um espaço para reconhecer-se e amar-se enquanto sujeito negro, ou seja, revelar suas identidades. Entendo, portanto, que além da força ao engajar pautas importantes e instantâneas, o *Black Twitter* funciona como uma ferramenta para a identidade negra on-line, permitindo que outros negros on-line se reconheçam. (PEREIRA, 2020, p.78)

3.3 O racismo estrutural presente na imprensa brasileira

Historicamente, os meios de comunicação em massa são dominados por uma elite branca e detentora dos bens de produção. Sob uma perspectiva hegemônica, estes sempre foram vistos e naturalizados como “a fonte de conhecimento”, da “informação”, e com o advento da internet, esse cenário se manteve, mas sob outras perspectivas. A mídia brasileira é um reflexo da sociedade oligárquica e racista que vivemos. O racismo, assim como na sociedade brasileira, não está apenas intrínseco à mídia, é parte estruturante dela (SODRÉ, 2015).

Nesse contexto, é imprescindível lembrar que, apesar de ser um “bem público”, os meios de comunicação em massa não deixam de pertencer a empresas privadas, cujos interesses são conservar a já estabelecida estrutura de poder, visando um benefício próprio. Quaisquer mudanças que possam ser feitas ou sugeridas não podem modificar efetivamente essa estrutura. Ou seja, o jornalismo, a partir desta perspectiva, defende não só interesses, como tem liberdade para fazer uso de critérios altamente subjetivos para defendê-los (BARBOSA, 1995 apud PINTO, 2019).

No Brasil, as desigualdades sociais são marcadamente de raça, de gênero e de classe, colocando às margens gigantescas parcelas da população a partir de sistemas de classificação e hierarquização de diferenças cujas desigualdades se forjam na cultura, nos sistemas simbólicos, em que a linguagem se constitui central. Nesse sentido, o jornalismo vem operando enredado às tramas de poder-saber, reproduzindo valores dominantes a partir das lentes de uma racionalidade excludente. O poder simbólico (BOURDIEU, 2010) do jornalismo é uma das redes por onde se tecem os fios de sentidos que em última instância alimentam os altos índices de feminicídio e o genocídio das populações negras e indígenas no país. (MORAES; DA SILVA, 2019, p.12)

A mobilização da Geração Tombamento e do *Black Twitter* em torno da luta antirracista trouxe à ordem do dia as reivindicações e denúncias a respeito do racismo sofrido pela população negra. Com isso, nos últimos anos, vimos a imprensa se posicionar mais ativamente sobre casos de racismo. Já no terreno midiático, a resposta das elites hegemônicas veio por meio do discurso da inclusão racial, cumprindo, assim, a função de evitar críticas e contemplar certas aspirações dos movimentos sociais.

Embora tenhamos muitas conquistas com o crescimento da Geração Tombamento, seria um equívoco restringir as razões da evolução do jornalismo somente a causa antirracista e de outras minorias sociais, desprezando a motivação mercadológica, tendo em vista que a função primeira da mídia é o estímulo ao consumo. A luta do negro pelo reconhecimento de seus direitos teve, portanto, que incluir a busca por seu reconhecimento como consumidor, visto que, como nos deixa transparecer a declaração anterior, não só sua cidadania, mas também sua existência enquanto componente social, estava, de certa maneira, atrelada ao seu poder aquisitivo.

Como uma prática social, o jornalismo precisa ser pensado nas diferentes formas pelas quais se integra e se manifesta na realidade social. Não pode ser descontextualizado dos sistemas de poder e de saber que regem as políticas (econômicas, culturais) da sociedade, nem das racionalidades e condições epistêmicas mais amplas nas quais está interseccionado em suas formas prevalentes de conhecer e de produzir conhecimentos. (MORAES; DA SILVA, 2019, p.12)

Nesse cenário, essa busca da imprensa por disseminar a cultura e a identidade de um povo histórico e socialmente sub-representado, enunciando a partir de seus próprios lugares de fala com liberdade e sem impedimentos, faz com que acabem por submeter os corpos negros vítimas a uma superexposição midiática que transita entre denúncia e o martírio (PINTO, 2019). Casos de racismo, sem dúvidas, precisam ser veiculados na imprensa, porém, sem que haja a exposição em excesso das imagens da vítima como mera prestação de serviços. As abordagens jornalísticas, que tratam as pessoas negras tanto como vítima quanto como vilã dos acontecimentos, são totalmente desligadas da noção de respeito à imagem, além de não darem a devida importância e fazer uma efetiva discussão sobre fatos que inserem o corpo negro em condições de vulnerabilidade e discriminação. Nesse sentido, podemos evidenciar o pensamento de Bell Hooks.

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. (HOOKS, 2019, p.33 apud PINTO, 2019)

4. OS IMPACTOS DAS DENÚNCIAS DO *BLACK TWITTER* NA IMPRENSA BRASILEIRA

Conforme apontado anteriormente, nos últimos anos, a Geração Tombamento e o *Black Twitter* têm se mobilizado dentro e fora do ciberespaço em prol da luta antirracista. Essas movimentações, somadas aos interesses privados, fizeram com que o racismo entrasse em pauta e, com isso, vimos a imprensa se posicionar mais ativamente sobre a temática, adotando uma postura aliada à causa. Pensando nesse cenário, neste capítulo apresentaremos um estudo sobre as publicações impressas dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* com o objetivo de investigar os impactos das denúncias do *Black Twitter* na imprensa brasileira.

4.1 Os casos George Floyd e João Pedro

Sem dúvidas, os desdobramentos dos casos George Floyd e João Pedro marcaram não só o ano de 2020, mas a história da luta dos movimentos sociais. Por isso, antes de apresentar a metodologia que conduziu o estudo e os resultados, se faz necessário apresentar um panorama histórico de ambos os casos, para que seja evidenciada a relevância da escolha desses objetos para o estudo.

4.1.1. Caso João Pedro

No dia 18 de maio de 2020, João Pedro Mattos Pinto (Figura 5), de apenas 14 anos, foi assassinado durante uma operação da Polícia Federal com o apoio da Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE), no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio. De acordo com as reportagens, seis adolescentes brincavam na área externa da casa dos tios de João, Denise Roza e Nadilton Roza e, ao escutar o barulho, correram para dentro da casa. Os sobreviventes contaram para a família que os policiais arrombaram o portão e entraram no quintal atirando e jogando granadas.

Figura 5 — João Pedro Mattos Pinto



Fonte: Reprodução/TV Globo

Durante o ocorrido, Neilton, pai de João Pedro, trabalhava em um quiosque junto à tia do garoto, mas ambos foram para casa logo após receberem uma ligação de João, que demonstrava muito medo do tiroteio “Quando eles escutaram barulho de helicóptero, eles ficaram preocupados porque estavam sobrevoando aqui. O que eles fizeram? Eles correram para casa”, (ROZA, 2020). Ao chegar na residência, o corpo de João já havia sido retirado pela Polícia. A partir desse momento, a família começou uma incessante busca por João Pedro. No Twitter, o primo do jovem fez uma publicação que, em poucas horas, já tinha mais de 120 mil curtidas e 50 mil compartilhamentos.

Figura 6 — Captura de tela de *tweet* feito por @_danblaz, primo de João Pedro



Fonte: Reprodução/Twitter

Após a publicação (Figura 6), a *hashtag* #procurasejoaopedro chegou aos *trending topics*²¹ do país. O assunto passa a integrar a Agenda Pública do ciberespaço e inicia-se a midiatização em cima da busca por informações sobre a vida do jovem. Apesar de João ter sido levado pelo helicóptero da polícia ainda com vida, o corpo do adolescente só foi encontrado pela família, sem vida, 17 horas após ter sido baleado. Nas paredes da casa de Denise e Nadilton foram encontradas mais de 70 marcas de tiros.

Ao noticiarem a morte de João Pedro, o *Black Twitter* e outros usuários da rede se engajaram em torno do acontecimento, com críticas a violência policial e o genocídio da população negra, além de pressionarem o sistema por justiça. Usuários do *Black Twitter*, incluindo personalidades do meio artístico e da política, como a deputada Benedita da Silva, a cantora IZA; o jornalista Roger Cipó; a vencedora do reality show BBB Gleicy Damasceno; a

²¹ No Twitter, uma palavra, frase ou tópico que é mencionado a um ritmo maior do que outros é dito como sendo um *trending topic* ou simplesmente um “assunto do momento”. Os *trending topics* tornam-se populares ou através de um esforço conjunto dos usuários ou por causa de um evento que leva as pessoas a falar sobre um tópico específico.

atriz Taís Araújo (Figura 7) e seu marido, também ator e escritor, Lázaro Ramos; os comunicadores e influenciadores digitais Winnie Bueno, Raul Santiago, Nátaly Neri, entre outros se manifestam, repudiando a morte do adolescente, que estava em casa, na companhia de parentes. No dia 18 de maio de 2020, o nome João Pedro permaneceu nos assuntos mais comentados do Twitter, com mais de 510 mil menções. Também são usadas as *hashtags* #JoãoPedroPresente, #JusticaParaJoãoPedro e #VidasNegrasImportam.

Figura 7 — Captura de tela de *tweet* de @taisdeverdade em homenagem a João Pedro



Fonte: Reprodução/Twitter

No mundo *offline*, apesar da pandemia pela Covid-19, em 31 de maio de 2020, cerca de 20 cidades no Brasil organizaram o ato #VidasNegrasImportam (Figura 8)— tradução da *hashtag* #BlackLivesMatter — em memória de João Pedro e tantas outras vítimas da violência policial no Brasil. No Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro, com protagonismo de moradores da periferia, o ato pressionou para que o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), proibisse operações em favelas cariocas durante a pandemia.

Figura 8 — Captura de tela de *tweet* convidando pessoas a participarem do ato #VidasNegrasImportam



Fonte: Reprodução/Twitter

Um ano após o assassinato de João Pedro, o inquérito policial não foi concluído. Em entrevista à *CNN*, concedida em maio de 2021, a mãe de João Pedro, Rafaela Matos, diz que ainda não sabe a conclusão do laudo da reprodução simulada e que a investigação praticamente não teve avanço. O caso está em andamento junto à 1ª Promotoria de Justiça de Investigação Penal Especializada dos Núcleos Niterói e São Gonçalo, do Ministério Público do Rio. “Nada aconteceu no decorrer desse um ano. A gente acha que eles estão tentando levar, completar muitos anos para não ser feito nada” (MATOS, 2020, online).

4.1.2. Caso George Floyd

Na mesma semana, no dia 25 de maio de 2020, a internet se mobilizou com o assassinato do também negro George Floyd, de 46 anos, em Minneapolis, nos Estados Unidos. A polícia estava no local por conta de uma denúncia de que o ex-segurança teria tentado realizar um pagamento em uma mercearia utilizando uma nota falsa de US\$ 20. As imagens das câmeras de segurança (Figura 9) mostraram que Floyd não ofereceu resistência à abordagem dos policiais, contudo os agentes o algemaram e o asfixiaram por 8 minutos e 46 segundos, levando-o a morte.

Toda ação foi gravada por pessoas que estavam no local, durante o vídeo, Testemunhas pedem ao policial que tire o joelho do pescoço do homem, observando que ele não estava se mexendo. Alguns dizem que "seu nariz está sangrando", enquanto outro pede: "Saia do pescoço dele". Durante o vídeo, Floyd também acusa várias vezes “não consigo respirar”, em uma das vezes, ele chega a pedir “Não me mate”, mas as ações não surtiram efeito.

Figura 9 — *Frame* do vídeo em que George Floyd é asfixiado pela polícia



Fonte: Vídeo publicado nas redes sociais.

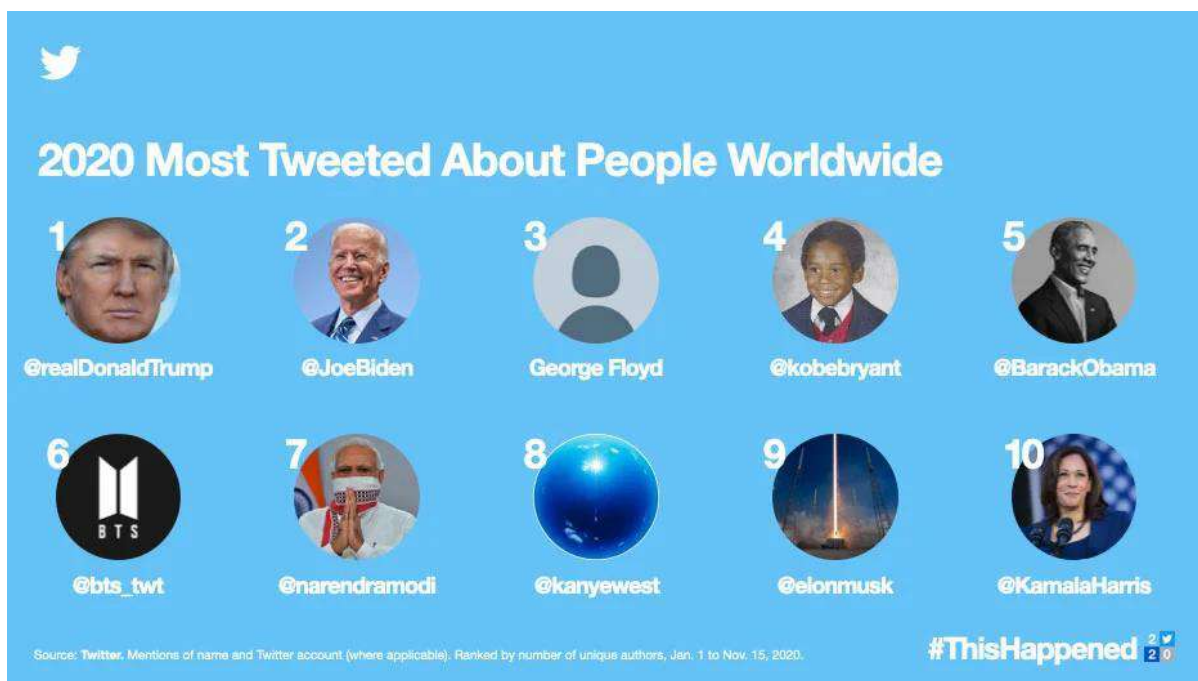
O assassinato de George Floyd gerou revolta social e uma onda de protestos antirracistas e contra a violência policial, primeiro em Minneapolis, depois por diversos outros estados e cidades do país, e pelo mundo. No dia seguinte à sua morte, a indignação inflamou dezenas de cidades nos Estados Unidos, em pouco tempo, os atos se espalharam por diversos países, dando início a uma revolta antirracista global que denunciou a violência policial e o racismo estrutural das forças de segurança. Para tentar conter as manifestações que ocorreram por dez dias consecutivos, o toque de recolher foi declarado em mais de 40 cidades e o ex-presidente Donald Trump chegou a ameaçar os ativistas com o uso das Forças Armadas.

Em meio a toda movimentação nas ruas, as redes sociais movimentaram mais de 21 milhões de publicações com a *hashtag* #BlackLivesMatter e a *hashtag* #BlackoutTuesday, que propôs um grande “apagão” nas redes sociais, especialmente Instagram, utilizando uma imagem completamente preta. Segundo um levantamento feito pela Plataforma Gente²², tendo como

²² A Plataforma Gente é uma iniciativa do Grupo Globo com conteúdo próprio e atualizado sobre hábitos e comportamentos dos brasileiros. Todos têm acesso livre e fácil a pesquisas e estudos em diversos formatos.

base os dados do Google *Trends* e das redes sociais, na semana do assassinato de Floyd, tivemos no Brasil mais 1,7 milhões de *tweets* utilizando a hashtag *#BlackLivesMatter*, o assunto ficou em 1º lugar nos *trending topics* do país. No estudo, também foi apontado que, em maio, as buscas pelo termo “Racismo” cresceram mais de 400%. Na retrospectiva feita pelo Twitter, George Floyd também foi considerado um dos nomes mais influentes do mundo em 2020 (Figura 10).

Figura 10 — Pessoas mais comentadas em 2020



Fonte: Divulgação/Twitter

No desdobramento do caso de George Floyd, o policial Derek Chauvin, responsável por asfixiar o ex-segurança foi acusado por três crimes, previstos na Justiça americana e sem paralelos exatos com o ordenamento brasileiro e condenado por unanimidade. Em uma tradução aproximada, os crimes que Derek Chauvin vai responder são: homicídio doloso de segundo grau (a mais grave de todas, com pena de até 40 anos de prisão, demonstrando uma relação de causa e efeito entre conduta do acusado e morte); homicídio doloso de terceiro grau (demonstração de negligência com a vida humana, com pena máxima de 25 anos); e homicídio culposo de segundo grau (quando alguém submete outro a um "risco irracional", colocando-o em risco de morte ou ferimentos graves, passível a pena de até 10 anos de prisão).

4.2 Metodologia de pesquisa

Por meio da pesquisa *ex-post-facto*, que se caracteriza como uma investigação sistemática e empírica onde não se tem controle direto sobre as variáveis independentes, tendo em vista que já ocorreram suas manifestações, será realizado um estudo das edições do primeiro e segundo caderno impressos dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* no período de 18 de maio de 2020 a 01º de junho de 2020, a fim de: (I) Levantar o número de edições que abordou os casos de João Pedro e George Floyd; (II) Entender qual o destaque que ambos os casos tiveram dentro de suas respectivas edições; (III) Ponderar se o racismo estrutural foi pautado pelos jornalistas; (IV) E, por fim, concluir as possíveis relações de influência que o *Black Twitter* possa ou não ter exercido no jornalismo impresso brasileiro.

A pesquisa *ex-post-facto* tem por objetivo investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato identificado pelo pesquisador e um fenômeno que ocorre posteriormente. A principal característica deste tipo de pesquisa é o fato de os dados serem coletados após a ocorrência dos eventos. A pesquisa *ex-post-facto* é utilizada quando há impossibilidade de aplicação da pesquisa experimental, pelo fato de nem sempre ser possível manipular as variáveis necessárias para o estudo da causa e do seu efeito. (FONSECA, 2002, p. 32)

Os jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* foram escolhidos por representarem os mais lidos do país, tanto no impresso quanto digital, segundo os dados públicos de aferição do mercado de mídia brasileiro²³. Reforçando a escolha desses veículos, uma pesquisa da Clickstream TGI, realizada em 2020, revela que dentre aqueles que têm o hábito de se informar por jornais, 35,4% consomem *O Globo* em sua edição digital ou impressa; 34,4% leem a *Folha de S. Paulo* e 23,5% leem o *Estadão*. O levantamento abrange um universo de 89,4 milhões de indivíduos. Além disso, dados do ICV sobre a circulação do impresso dos veículos escolhidos apontam que, mensalmente, ambos vendem em média mais de 300 mil exemplares. Além dos dados favoráveis, os dois jornais possuem linhas editoriais distintas, o que garante maior objetividade para a pesquisa.

O estudo foi dividido em dois momentos: o primeiro deles, quantitativo, visou entender a relevância das pautas dentro do contexto geral de pautas. Para a contagem de menções, foram utilizados os seguintes critérios:

a- Seriam considerados todos os textos dentro da edição, ou seja, textos enviados por leitores e campanhas publicitárias também foram contabilizados;

²³ Fontes de dados da Comscore, Google Analytics, Clickstream TGI e Instituto Verificador de Comunicação (IVC).

b- A contagem não foi baseada na quantidade de menções. Isso significa que em uma matéria em que “João Pedro” ou “George Floyd” apareceu mais de uma vez, a contabilização foi de apenas 1 conteúdo;

c- Para ser contabilizado, o caso precisaria fazer menção direta aos nomes “João Pedro” ou “George Floyd”.

O segundo momento, qualitativo, analisou as escolhas editoriais dos jornais como a diagramação, título, fontes ouvidas, construção de discurso, entre outros. Para isso, também foi preciso traçar um comparativo entre as outras notícias da edição e considerar a conjuntura política que o Brasil vivia no período, com a COVID-19 e os escândalos políticos envolvendo o presidente Jair Bolsonaro.

4.3 Resultados

Após a análise detalhada das 15 publicações do primeiro e segundo caderno da *Folha de S. Paulo* e do jornal *O Globo*, os resultados da pesquisa quantitativa foram organizados em 4 tabelas divididas entre caso x veículo.

Tabela 1 — Relação de menções ao caso João Pedro Matos no jornal *Folha de S. Paulo*

Data	Capa	Miolo (textos da edição)	Total
18/05	0	0	0
19/05	0	0	0
20/05	1	1	2
21/05	0	3	3
22/05	1	1	2
23/05	1	2	3
24/05	0	3	3
25/05	0	1	1
26/05	0	1	1
27/05	0	1	1
28/05	0	0	0

29/05	0	1	1
30/05	0	1	1
31/05	0	1	1
01/06	0	1	1
TOTAL	3	17	20

Fonte: elaboração da autora

Tabela 2 — Relação de menções ao caso João Pedro Matos no jornal *O Globo*

Data	Capa	Miolo (textos da edição)	Total
18/05	0	0	0
19/05	0	0	0
20/05	1	2	3
21/05	0	2	2
22/05	0	1	1
23/05	0	0	0
24/05	0	0	0
25/05	0	0	0
26/05	0	0	0
27/05	0	0	0
28/05	0	0	0
29/05	0	1	1
30/05	0	1	1
31/05	0	1	1
01/06	0	0	0
TOTAL	1	8	9

Fonte: elaboração da autora

Tabela 3 — Relação de menções ao caso George Floyd no jornal *Folha de S. Paulo*

Data	Capa	Miolo (textos da edição)	Total
------	------	--------------------------	-------

25/05	0	0	0
26/05	0	0	0
27/05	0	0	0
28/05	0	0	0
29/05	0	1	1
30/05	1	3	4
31/05	0	2	2
01/06	1	5	6
TOTAL	4	13	17

Fonte: elaboração da autora

Tabela 4 — Relação de menções ao caso George Floyd no jornal *O Globo*

Data	Capa	Miolo (textos da edição)	Total
25/05	0	0	0
26/05	0	0	0
27/05	0	0	0
28/05	0	0	0
29/05	0	1	1
30/05	1	2	3
31/05	1	2	3
01/06	1	3	4
TOTAL	3	8	11

Fonte: elaboração da autora

Conforme explicitado pelas tabelas, a *Folha de S. Paulo* foi quem deu mais destaque para o tema. Ao todo 29 menções ao caso João Pedro, sendo 20 da *Folha de S. Paulo* e 8 pelo *O Globo*. Já o caso George Floyd recebeu 28 menções, sendo 17 pela *Folha de S. Paulo* e 11 pelo *O Globo*. Traçando um comparativo com outros casos de pessoas negras vítimas de violência policial, podemos considerar que, sem dúvidas, os temas receberam mais atenção da

mídia e da imprensa. Ainda mais que, precisamos considerar que no período analisado, os holofotes eram divididos entre os desdobramentos da Covid-19 e os escândalos políticos no Planalto acerca de uma possível intervenção militar.

Entendendo que o número de menções não é o suficiente para mensurar se, de fato, os temas foram evidenciados pelo jornalismo, também foi realizada uma análise qualitativa sobre os conteúdos. Olhando para a diagramação da revista, percebe-se que a maioria das matérias não foi o grande destaque de suas seções, em alguns casos, os textos ocuparam apenas uma coluna, sem adição de imagens ou grafismos que chamem atenção do leitor, evidenciando a falta de preocupação dos editores em dar destaque ao tema.

Nesta pesquisa, destacamos 3 edições que acreditamos serem expressivas para evidenciar as escolhas narrativas das redações.

4.3.1 - *Folha de S. Paulo* - 20/05/2020 (edição 33.311)

A primeira publicação escolhida foi a edição da *Folha de S. Paulo* no dia 20/05/2021(edição 33.311), quarta-feira. Já na capa (Figura 11), o leitor é impactado pela imagem do sepultamento de João Pedro sob a chamada “Menino de 14 anos morre em operação da PF no Rio”. Na matéria com o mesmo título, é perceptível o cuidado das jornalistas em passar a imagem humanizada de João Pedro, como uma criança. As jornalistas apresentam o perfil de João já no início da matéria, reforçam que ele era “um garoto”, que estava brincando, que ligou para os pais com medo. Tal construção narrativa leva o leitor a entender a brutalidade do caso. Além de familiares, outras fontes ouvidas foram todas fontes oficiais — A Secretaria do Estado de Vitimados; o ex-governador Wilson Witzel; a Superintendência da Polícia Federal do Rio de Janeiro; a Delegacia de Homicídios de Niterói e a Polícia Militar e Federal do Rio.

Figura 11 – Capa do jornal *Folha de S. Paulo* em 20/05/2020 (edição 33.311)

Lynara Ojeda de Souza (2020) salienta a relevância em se ouvir especialistas em direitos humanos e violência, pois essas fontes auxiliam na compreensão dos fatos, nas causas e consequências dessas mortes (mortes de crianças em operações policiais). Porém, ao não incorporar essas informações nos textos, jornalistas assumem uma postura de pura descrição do ocorrido, esquecendo das vidas envolvidas. As vítimas deixam de ser crianças e passam a ser somente o crime que sofreram. Em seus estudos, Medina (2000) ressalta a importância da postura e atuação do jornalista na construção da notícia, indicando a sensibilidade e o diálogo como elementos fundamentais. Ao se pensar em temáticas delicadas, que exigem do profissional uma abordagem cuidadosa e comprometida com a complexidade dos fenômenos para que não haja revitimização de direitos ou novas violações, o pensamento de Medina se mostra ainda mais pertinente (MEDINA, 2000).

4.3.2 - *O Globo* - 29/05/2020 (edição 31.704)

Foi somente no dia 29/05 (edição 31.704), quatro dias após o assassinato de George Floyd que *O Globo* (Figura 12) noticiou o caso pela primeira vez. Apesar dos Estados Unidos já avançarem para o 3º dia de protestos, que contavam com cobertura midiática internacional, o periódico optou por não fazer nenhuma menção da pauta em sua capa. Os destaques da edição são: “Bolsonaro enfrenta o STF, que reage demonstrando inédita união”; “Mourão e Heleno negam intervenção militar e ruptura”; “Desemprego vai a 12,6%, e informais são os mais atingidos”; “A guerra de Trump contra as redes”; “Pandemia: Rio tem mais mortes que a China e Índia” e “Câmara aprova redução de jornada e salário”.

Figura 12 – Capa do Jornal *O Globo* no dia 29/05/2020 (edição 31.704)



Fonte: Acervo Digital *O Globo*

Dentro do impresso, o jornal optou por posicionar o texto na página 19 (Figura 13), a última da editoria “Mundo”. A diagramação do texto evidencia a importância que a redação deu para o tema: nenhuma. O texto não chega a ocupar $\frac{1}{4}$ da mancha gráfica da página, além disso, não usaram nenhuma imagem ou grafismos que chamem atenção do leitor. No conteúdo, o título “Protestos por morte de negro asfíxiado pela polícia” traz à tona as estratégias argumentativas que tendem a desumanizar corpos negros. Pelo título, George, que foi assassinado — importante ressaltar essa palavra — não tem nome, nacionalidade, ou qualquer

história. Além disso, o foco do texto dirige-se mais aos protestos do que ao racismo e à crueldade com as quais George Floyd foi assassinado.

Figura 13 – Página 19 do jornal *O Globo* em 29/05/2020 (edição 31.704), com a matéria sobre George Floyd

[illegible]

Fonte: acervo *O Globo*

Ao longo do texto, dividido em tópicos, a única descrição que temos do ex-segurança é “George Floyd, um homem negro de 46 anos”, a matéria foca nos protestos que foram

realizados em Minneapolis e outras cidades estadunidenses. A construção narrativa dessa matéria reforça o pensamento de Medina (2016, p.266) que defende: “O jornalismo facilmente se satisfaz com estatísticas da morte e da miséria assim como não se descuida dos gráficos da economia. Esse objetivismo herdado do distanciamento na ciência positivista impregna a pauta que alimenta opiniões ligeiras [...]”.

4.3.3 - Pautas levantadas pelo *Black Twitter*

No decorrer da pesquisa pelas publicações da *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, apuramos que, ao longo do período analisado, alguns casos que viralizaram no *Black Twitter* ganharam notoriedade dentro da imprensa nacional. E, por isso, apesar do estudo de caso analisar as narrativas de George Floyd e João Pedro, destacamos a cobertura jornalística desses casos a fim de enriquecer a investigação sobre a influência do *Black Twitter* no jornalismo.

Adriel Oliveira, de 12 anos, é dono da página do Instagram @livrosdodrii, em que compartilha resenhas e opiniões sobre os livros que lia. No dia 27/05/2020, a criança recebeu mensagens racistas em sua página “Eu achava que preto era pra tá cavando minha, não lendo. Você foi criado para ser pobre e preto”, escreveu um perfil anônimo. O garoto publicou a ofensa nos stories do Instagram antes de apagá-la e a história viralizou nas redes sociais. No mesmo dia, Adriel ganhou 60 mil seguidores e, no fim daquela semana, comemorou a marca dos 750 mil seguidores no Instagram.

Uma rede de solidariedade se formou para enviar livros e um dos grandes nomes envolvidos foi Winnie Bueno, pesquisadora, criadora da Winnieteca, um projeto de doação de livros, e criadora de conteúdo influente no *Black Twitter*. Nas redes sociais, ela publicou: "Ele é uma criança. Uma criança sendo atacada de forma vil, desumana e cruel", (BUENO, Winnie (@Winniebueno)). Atores globais e artistas como Preta Gil, dezenas de editoras e fãs escreveram em solidariedade ou até lhe enviaram livros. No dia 31/05/2020 (Edição 31.707), a história de Adriel ganhou uma matéria de destaque no 2º caderno do *O Globo* (Figura 15) e na edição online da *Folha de S. Paulo* (Figura 14).

Figura 14 — Captura de tela de um *tweet* feito pelo usuário @pgmiranda sobre o *Black Twitter*



Fonte: Reprodução/Twitter

Figura 15 – Matéria veiculada no 2º caderno do *O Globo* no dia 31/05/2020



Fonte: Acervo *O Globo*

Outro caso que ganhou visibilidade por meio do *Black Twitter* ocorreu na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. No dia 20/05/2020, o projeto Movimento Frente Cidade de Deus, distribuía os alimentos aos moradores na área conhecida como Pantanal quando um tiroteio começou. "Apontaram armas para nós enquanto tentávamos entrar no carro. Somos todos da Cidade de Deus, na @frentecdd, educadores, trabalhadores locais, artistas. Estávamos numa ação entregando 200 cestas básicas para as famílias da região Pantanal. Estamos cansados. A gente não tem direito de entregar comida, a gente não tem direito a cuidar dos nossos. A gente não tem direito a nada", afirmou um dos integrantes do grupo nas redes sociais. Toda a ação foi filmada pelos integrantes do projeto e viralizada no *Black Twitter* (Figura 16). Como resultado, a edição do dia 24/05/2021 (edição 33.315) da *Folha de S. Paulo* (Figura 17) mencionou a operação policial e as alegações que foram levantadas pelo grupo.

Figura 16 — Captura de tela de *tweet* do usuário @raull santiago sobre o tiroteio



Fonte: Reprodução/Twitter

Figura 17 — Reportagem da *Folha de S. Paulo* em 24/05/2020 (edição 33.315), que menciona o tiroteio durante a ação social



Fonte: acervo *Folha de S. Paulo*

Por último, o terceiro caso que ganhou visibilidade nos periódicos é a história de Fatou N'diaye, uma jovem de 15 anos que ficou conhecida pelo racismo sofrido por colegas de escola. Aluna do Franco-Brasileiro desde os 5 anos, ela foi tema de uma série de mensagens trocadas por adolescentes de um colégio frequentado por membros das classes mais altas do Rio de Janeiro. Na época, o tema foi denunciado pela mesma e por outros colegas de classe nas redes sociais.

Figura 18 — Captura de tela de *tweet* da usuária @iknowyouastar, colega de classe de Fatou



Fonte: reprodução/redes sociais

A história viralizou e em poucos dias, as redes sociais da estudante foram inundadas de mensagens de amor e afeto. Como resultado, a edição do dia 20/05/2021 (edição 31.698 - Figura 19) do *O Globo* abordou a história de Fatou.

Figura 19 — Coluna do Ancelmo Gois no *O Globo* em 20/05/2021 (edição 31.698)



Fonte: Acervo *O Globo*

Esses casos foram levantados por reforçarem o questionamento central dessa pesquisa, sobre se o *Black Twitter* pode exercer alguma influência sobre a imprensa. As três histórias reforçam que pautas que se restringiam ao *Black Twitter* podem ganhar visibilidade organicamente e chegarem nas reuniões de pautas das redações dos jornais mais lidos do país. Por isso, se fez tão necessário apresentá-las aqui neste trabalho. Claro que, é preciso reconhecer que os temas não receberam destaques ou desdobramentos ao longo das publicações, mas de qualquer forma, eles representam um avanço em prol do futuro que queremos construir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado anteriormente, o surgimento do ciberespaço e os avanços das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na última década possibilitaram uma comunicação de “todos com todos”, e não mais “de um para todos” como era feito pelas mídias hegemônicas tradicionais como a TV, o jornal e o rádio. Os *softwares* sociais funcionam como um espaço de cocriação e participação ativa dos usuários, que fomentam um discurso legitimador e ao mesmo tempo aglutinador em torno da prática do compartilhamento.

Nessa nova configuração, as redes sociais são controladas por algoritmos que realizam a mediação dos conteúdos que chegam ao usuário. Os critérios são decididos a partir da filtragem social, onde a própria rede dá visibilidade àquilo que considera importante, enquanto despreza e define aquilo que não o é. Num primeiro momento, entendia-se que os algoritmos das redes sociais funcionam de maneira imparcial e mecanizada, contudo, pesquisadores, ativistas e desenvolvedores começaram a identificar e denunciar que as tecnologias digitais de comunicação são racializadas e racistas, construídas a partir de uma lógica da supremacia branca, uma vez que os algoritmos são idealizados por pessoas, que carregam preconceitos estruturais e seus vieses inconscientes.

De fato, a internet trouxe um pressuposto de “universalização” da comunicação, porém, a reprodução de discursos considerados mais significativos seguiu sendo o da mídia mais tradicional, maciçamente atribuída a uma elite dominante e branca, enquanto o pensamento e as opiniões da maioria da população não encontram eco na mesma proporção. É importante levar em consideração que o ciberespaço é apenas mais uma ferramenta, e, como tal, pode ser usada para disseminação de discursos antirracistas e de outros grupos minoritários, mas não amplamente efetiva para o enfrentamento dos discursos hegemônicos, pois a disseminação desses discursos deve começar antes, fora delas.

Nos últimos anos, graças a cibercultura, a discussão sobre racismo e atuação do Estado contra jovens negros tem tornado mais presente na sociedade. Os indivíduos deixaram de ser apenas meros consumidores e passaram a atuar também como produtores de conteúdo, tendo agora uma ferramenta para expressão e um meio de organização e, até mesmo, de transformação, especialmente no contexto de identidades racializadas e propostas antirracistas. Tal organização dentro do ciberespaço tem sido essencial para o combate ao racismo estrutural enraizado e propiciar um levante social e político que conhecemos hoje como *Black Twitter*.

Em resposta a um cenário de racismo estrutural e técnico-informacional, o *Black Twitter* vem se configurando como uma comunidade digital contra hegemônica, disruptiva e

revolucionária. São pessoas negras, organizadas no ciberespaço em prol da luta para que as pautas do movimento negro se façam ouvidas e presentes da agenda pública. Uma maneira para entender é considerá-lo tendo a forma e a função de um contra público. Trata-se de arenas discursivas paralelas onde membros de grupos sociais subordinados criam e fazem circular contradiscursos para formular interpretações de oposição de suas identidades, interesses e necessidades.

Entre 2010 e 2013, quando o debate sobre o antirracismo crescia nas mídias sociais, cerca de 25% de todas as pessoas negras nos Estados Unidos que estavam online também usaram o Twitter. Foi nessa época, mais precisamente em 2013, que nasceu o *#BlackLivesMatter*, o maior ato do movimento negro americano desde a Marcha sobre Washington por direitos civis. A *hashtag*, criada por após a absolvição de George Zimmerman pelo assassinato de um jovem negro de 17 anos, rapidamente evoluiu e se tornou uma resposta contra a paralisia política diante genocídio da juventude negra, um catalisador de diversos descontentamentos diversos, principalmente no que diz respeito a violência policial.

Nesse contexto, um fenômeno que teve início em 2010 torna-se ainda mais evidente: existe uma crescente de pessoas negras que, independentemente de localização geográfica, começaram a seguir umas às outras, interagirem entre si e compartilhar suas experiências enquanto pessoas negras. Paralelamente a isso, no Brasil, a presença de pessoas negras com mais acesso à informação permitiu a democratização do debate racial e criação de novas formas de interação, assim como foi nos Estados Unidos.

A Geração Tombamento colocou em pauta a necessidade de repensar formas de interpretação da negritude no Brasil. O movimento se auto-organizou e iniciou nas mídias sociais suas reivindicações por uma maior valorização e respeito às estéticas negras em diferentes estados do país. O objetivo era o chamado e popularizado “empoderamento”, fortalecimento e o reconhecimento de indivíduos negros brasileiros, como uma forma de desconstruir preconceitos e enfrentar o racismo ao promover o reconhecimento da negritude, que por tanto tempo foi suprimida, desvalorizada e silenciada.

Ao relacionar o *Black Twitter* com a Geração Tombamento, portanto, entende-se aqui que o próprio *Black Twitter* no Brasil emergiu como um desdobramento dessa geração, que atua de forma *online* e *offline*, pois a identidade negra trata-se de uma constante dinâmica que acontece em momentos diferentes na construção social de sujeitos negros. Algumas pautas dessa geração são: a transição capilar, a valorização do cabelo crespo e outros traços físicos negroides e a defasagem das marcas na criação de propagandas e produtos para esse tipo de cabelo; a baixa representatividade nos espaços de poder e a padronização das estéticas

corporais. Essas movimentações, somadas aos interesses privados, fizeram com que o racismo entrasse em pauta e, com isso, vimos a imprensa se posicionar mais ativamente sobre a temática, adotando uma postura aliada à causa.

Pensando nesse cenário, foi realizado um estudo sobre as publicações impressas dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* com o objetivo de investigar os impactos das denúncias do *Black Twitter* na cobertura midiática dos casos João Pedro e George Floyd. A pesquisa quantitativa revelou que, ao todo, o caso João Pedro foi mencionado 29 menções, sendo 20 da *Folha de S. Paulo* e 8 pelo *O Globo*. Já o caso George Floyd recebeu 28 menções, sendo 17 pela *Folha de S. Paulo* e 11 pelo *O Globo*. Em comparativo com outros casos de pessoas negras vítimas de violência policial, os temas receberam mais atenção da mídia e da imprensa.

A pesquisa quantitativa evidenciou que a visibilidade que o *Black Twitter* e as redes sociais deram para os casos fez com que as histórias alcançassem a opinião pública, atingindo também os meios de comunicação em massa. No entanto, percebe-se que a mídia não deu atenção imediata ao tema. Em ambos os casos, a primeira notícia só foi publicada pelo menos dois dias após as mortes, o que nos leva a pensar que João Pedro e George Floyd só chegaram nas reuniões de pauta depois que o tema organicamente furou a bolha do *Black Twitter* e das redes sociais.

Junto a pesquisa qualitativa, foi preciso reconhecer que, com a ascensão do *Black Twitter*, pautas que antes se restringiam aos fóruns nas comunidades digitais ganharam visibilidade organicamente e instigaram a sociedade a debater sobre racismo estrutural e pautas urgentes para o Movimento Negro. Histórias como a de João Pedro Mattos, George Floyd, Adriel Oliveira e Fatou Ndiaye infelizmente ainda são comuns em nossa sociedade que assassina um jovem negro a cada 23 minutos. Por isso, é notório que o que diferencia esse caso dos outros que não são noticiados é a visibilidade que o *Black Twitter* pôde proporcionar para essas histórias.

Embora a reivindicação pela visibilidade às narrativas pretas, pobres e marginalizadas e o enfrentamento aos discursos midiáticos normativos seja uma luta tantas vezes perdida, exemplos como esses apontados ao longo da pesquisa revelam que, por vezes, o discurso contra hegemônico orgânico e potente das redes sociais tem a capacidade de hackear o sistema e alcançar a opinião pública, atingindo também de alguma maneira o discurso da mídia hegemônica que precisa se adaptar. O *Black Twitter* pode influenciar o jornalismo, e esperamos que assim o faça com mais frequência, não só em histórias de luto.

No entanto, apesar dos avanços, é necessário apontar também os problemas ainda existentes dentro das edições. Na pesquisa qualitativa, também se percebe que não houve tanta

preocupação dos editores e diagramadores em dar destaque às pautas. A maioria das matérias não foi o grande destaque de suas seções, em alguns casos, os textos ocuparam apenas uma coluna, sem adição de imagens ou grafismos que chamem atenção do leitor, deixando clara a falta de preocupação dos editores em dar destaque ao tema. Um caso que chamou grande atenção foi a edição do *O Globo* em 29/05, descrita no quarto capítulo deste trabalho. Além do destaque pífio que o jornal deu para o assassinato de George Floyd, no mesmo dia, a edição dedicou uma página inteira ao novo álbum da Lady Gaga.

Ademais, a falta de pluralidade nas publicações negligencia a origem do problema e os conteúdos assumem uma postura de descrição do ocorrido, esquecendo das vidas envolvidas. Os meios de comunicação ainda refletem a política do Estado, que é racista, machista e oligárquica. Seria um equívoco restringir as razões da evolução do jornalismo somente a causa antirracista e de outras minorias sociais, desprezando a motivação mercadológica, tendo em vista que a função primeira da mídia é o estímulo ao consumo.

Nesse sentido, podemos concluir que o *Black Twitter* impactou a imprensa brasileira positivamente, entretanto, o racismo ainda é presente nos meios de comunicação em massa, uma vez que existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 18.2, 1995.

BARROS, Maria Beatriz dos Santos. Causando um tombamento: Karol Conká e uma negritude empoderada possível. In: **III Jornada Internacional GEMInIS (JIG 2018)** - São Paulo-SP, 2019. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/jig2018/trabalho/82391>.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: Estéticas da Comunicação e Biopolíticas**. Rio de Janeiro. Editora MauadX, 2015.

BORGES, Luzineide Miranda; FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. Cyberativismo e Educação: o conceito de raça e racismo na cibercultura. **Revista Espaço Acadêmico**, 18.207 (2018): 75-87.

CASTELLS, Manuel. **A comunicação na era digital**. O poder da comunicação. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra (2015).

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

O CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.BR). **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019**. São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

CLARK, Meredith. Black Twitter 101: what is it? Where did it originate? where is it headed?. Entrevistadores: Whitelaw Reid. **University of Virginia Today**, online, novembro, 2018. Disponível em: <https://news.virginia.edu/content/black-twitter-101-what-it-where-did-it-originate-where-it-headed>

CLARK, Meredith. **To tweet our own cause: A mixed-methods study of the online phenomenon "Black Twitter"**. Chapel Hill, North Carolina, 2014.

COUTO, S. Edvaldo. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

DA SILVA, Gisele Reinaldo; SOUZA, Luana Alves. **O criador de conteúdo negro no combate ao racismo reproduzido pela mídia de massa**. Hachetetepé: Scientific Journal of Education and Communication 22 (2021): 1203-1203.

DA SILVA, Talita Guimarães; SILVA, Tarcísio Torres. **Black lives matter: o uso de dispositivos móveis no registro, denúncia e mobilização contra a violência racial nos Estados Unidos**. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política* 11.33 (2018): 38-55.

DE OLIVEIRA, Joedson Kelvin Felix; DE OLIVEIRA, Romênia Gomes; ARRAIS, Joubert de Albuquerque. **Racismo estrutural midiático no Brasil: O Corpo negro e as imagens online que condenam, matam e discriminam**. *XV ENECULT. Bahia: Salvador* (2019).

DE SOUZA, Lynara Ojeda. Reflexões sobre a atuação jornalística na cobertura da morte de crianças durante operações policiais na cidade do Rio de Janeiro. IN: ENCONTRO DA SBPJOR, 18. 2020, online. (Comunicações livres). Santa Catarina.

ELLIS, Kimberly C. **Why 'They' Don't Understand What Black People Do on Twitter**. Entrevistadores: Dr. Goddess, online. 2012. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120522052222/http://drgoddess.com/2010/08/why-they-dont-understand-what-black-people-do-on-twitter/>

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares 1.1 (2005).

FERREIRA, Julio Cesar. Morte de George Floyd mobiliza redes sociais e influência manifestações. **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. online, junho, 2020. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/morte-de-george-floyd-mobiliza-redes-sociais-e-influencia-manifestacoes>

FREELON, Deen et al. **How Black Twitter and other social media communities interact with mainstream news**. Pennsylvania: Penn Libraries. 2018.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 18 de maio de 2020, ed. 33.309. -. Diário. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49162&anchor=6412757&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 19 de maio de 2020, ed. 33.310. -. Diário. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49163&anchor=6412802&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 20 de maio de 2020, ed. 33.311. -. Diário. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49164&anchor=6412877&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 21 de maio de 2020, ed. 33.312. -. Diário. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49165&anchor=6412939&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 22 de maio de 2020, ed. 33.313. -. Diário. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49166&anchor=6412997&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 23 de maio de 2020, ed. 33.314. -. Diário. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49167&anchor=6413067&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 24 de maio de 2020, ed. 33.315. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49168&anchor=6413069&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 25 de maio de 2020, ed. 33.316. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49169&anchor=6413135&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 26 de maio de 2020, ed. 33.317. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49170&anchor=6413186&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 27 de maio de 2020, ed. 33.318. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49171&anchor=6413292&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 28 de maio de 2020, ed. 33.319. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49172&anchor=6413299&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 29 de maio de 2020, ed. 33.320. -. Diário.
Disponível em:
<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49173&anchor=6413350&origem=busca&originURL=>>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 30 de maio de 2020, ed. 33.321. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49174&anchor=6413462&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 31 de maio de 2020, ed. 33.322. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49175&anchor=6413466&origem=busca&originURL=>

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 01 de junho de 2020, ed. 33.323. -. Diário.
Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49176&anchor=6413530&origem=busca&originURL=>

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura Brasileira.** SILVA, Luiz Antonio.
Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. ANPOCS. Brasília (1983).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **O recente anti-racismo brasileiro: o que dizem os jornais diários.** *Revista USP* 28 (1996): 84-95.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: raça e apresentação.** Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KURTZ, Gabriela Birnfeld. Cibercultura e hp lovecraft: histórias de horror no tempo da inteligência coletiva. **Revista Temática**, online, v.9, n.9, p. 1- 15, 19 de novembro de 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/21473/11862>

LEMONS, A.; LÉVY, P. **O Futuro da Internet.** São Paulo: Paulus. 2010

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Editora 34, 2010

MACHADO, Joicemengue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. **Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa.** RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação 3.1 (2005).

MARTINS, Pamela Barbosa. **Mulher negra, estética e política: raça e construção de self.** (2019)

MARCONI, Marina de Andrade; Eva Maria Lakatos. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MARIA, Mirella Santos. Quilombo mulheres negras-uma ação identitária. **Jornal Unesp.** São Paulo, 2015.

MATTOS, Geísa. Flagrantes de racismo: imagens da violência policial e as conexões entre o ativismo no Brasil e nos Estados. **Revista de Ciências Sociais: RCS** 48.2 (2017): 185-217.

MEEDER, Brendan, et al. **RT@ IWantPrivacy: Widespread violation of privacy settings in the Twitter social network.** *Proceedings of the Web.* Vol. 2. No. 1.2. 2010.

MORAES, Fabiana; DA SILVA; Marcia Veiga. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora.** *Mídia e zeitgeist* (2021): 113.

NAKAMURA, L. **Digitizing race: Visual cultures of the Internet.** U of Minnesota Press, 2008

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Editora Perspectiva SA, 2016.

NERI, Marcelo. **O mapa da exclusão digital.** *Revista Conjuntura Econômica* 57.5 (2003): 70-73.

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 18 de maio de 2020, ed. 31.696. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200518>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 19 de maio de 2020, ed. 31.697. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200519>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 20 de maio de 2020, ed. 31.698. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200520>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 21 de maio de 2020, ed. 31.699. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200521>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 22 de maio de 2020, ed. 31.700. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200522>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 23 de maio de 2020, ed. 31.701. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200523>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 24 de maio de 2020, ed. 31.701. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200524>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 25 de maio de 2020, ed. 31.702. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200525>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 26 de maio de 2020, ed. 31.703. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200526>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 27 de maio de 2020, ed. 31.704. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200527>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 28 de maio de 2020, ed. 31.705. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200528>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 29 de maio de 2020, ed. 31.706. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200529>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 30 de maio de 2020, ed. 31.707. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200530>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 31 de maio de 2020, ed. 31.708. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200531>>

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 01 de junho de 2020, ed. 31.709. -. Diário. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200601>>

PEREIRA, Jacques. **Pessoas negras seguindo pessoas negras: identidade on-line a partir de uma análise etnográfica no Black Twitter brasileiro.** (2020).

PINTO, Yasmin Santos Moreira. **Letra preta: a inserção de jornalistas negros no impresso.** (2019).

PLATAFORMA GENTE. **#BLACKLIVESMATTER EM NÚMEROS:** Impacto no Twitter e Instagram do movimento mundial contra o racismo. Rio de Janeiro. 2020.

PORTUGAL, Marcelo S., DE BARCELLOS NETO, Paulo Chananeco F. **Política econômica e crescimento sustentado:** os resultados da primeira metade do Governo Lula. *Indicadores Econômicos FEE* 33.1 (2005): 185-214.

QUATRO fatos que ajudam a explicar tensão entre negros americanos e polícia. **BBC News**, online, abril, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56737516>>

QUEIROGA, Louise. Morte de João Pedro em operação mobiliza redes: 'não vou me calar nunca', diz primo. **EXTRA.** online. junho, 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/morte-de-joao-pedro-em-operacao-mobiliza-redes-nao-vou-me-calar-nunca-diz-primo-24435350.html>>

RECUERO, Raquel da Cunha. **A Conversação em Rede:** Comunicação Mediada pelo Computador e Redes Sociais na Internet. 1.ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel da Cunha; ZAGO, Gabriela da Silva; SOARES, Felipe Bonow. **Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter.** Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS). (26.: 2017 jun. 06-09: São Paulo, SP). [Anais]. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017. (2017).

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Discutindo análise de conteúdo como método: o#DiadaConsciênciaNegra no Twitter.** Cadernos de Estudos Lingüísticos, v. 56, n. 2, p. 289-309, 2014.

REINALDO, Gisele; DE SOUZA, Luana Alves. **El creador de contenido negro en lucha contra el racismo reproducido por medios de comunicación.** Hachetetépe. Revista científica de educación y comunicación 22 (2021): 1203-1203.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: Uma Sociedade sin Fronteiras**. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência. Barcelona 1996. Também disponível em inglês em <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>.

RICKFORD, Russell. **Black lives matter: Toward a modern practice of mass struggle**. New Labor Forum. Vol. 25. No. 1. Sage CA: Los Angeles, CA: SAGE Publications, 2016.

ROCHA, Telma Brito. **Pesquisa em redes sociais na internet: os discursos no ciberespaço**. *Educação em foco* (2018): 225-244.

ROSA, António Machuco. **Desejo mimético e imitação nas redes sociais digitais**. Colóquio Internacional As Letras entre a tradição e a inovação: comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2020).

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo à brasileira**. Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. IN: **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais** (2019): 121.

SILVA, Tarcízio. **Visão Computacional e Vieses Racializados: branquitude como padrão no aprendizado de máquina**. II COPENE Nordeste: Epistemologias Negras e Lutas Antirracistas (2019): 29-31.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Editora Vozes Limitada, 2015.

SOUZA, A.; LEITE, F.; BATISTA, L. **Publicidade Tombamento**: expressões da “geração tombamento” em anúncios contraintuitivos para o empoderamento de negras e negros brasileiros. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, Universidade de Sorocaba, v. 6, n. 11, p. 37-60, 5 maio 2018.

SUDRÉ, Lu. Há um mês, reação ao assassinato de George Floyd iniciava levante antirracista global. **Brasil de Fato**. Online, junho, 2020. disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/25/ha-um-mes-reacao-ao-assassinato-de-george-floyd-iniciava-levante-antirracista-global>>

TRINDADE, Luiz Valério P. Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil. IN: **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais** (2019): 26.

VALENTINI, Géssica Gabrieli. **Das interpretações sobre o ser humanos aos processos de (des) humanização no jornalismo**. (2020).

ZANETTI, Daniela. **A cultura do compartilhamento e a reprodutibilidade dos conteúdos.** Ciberlegenda 25 (2011).